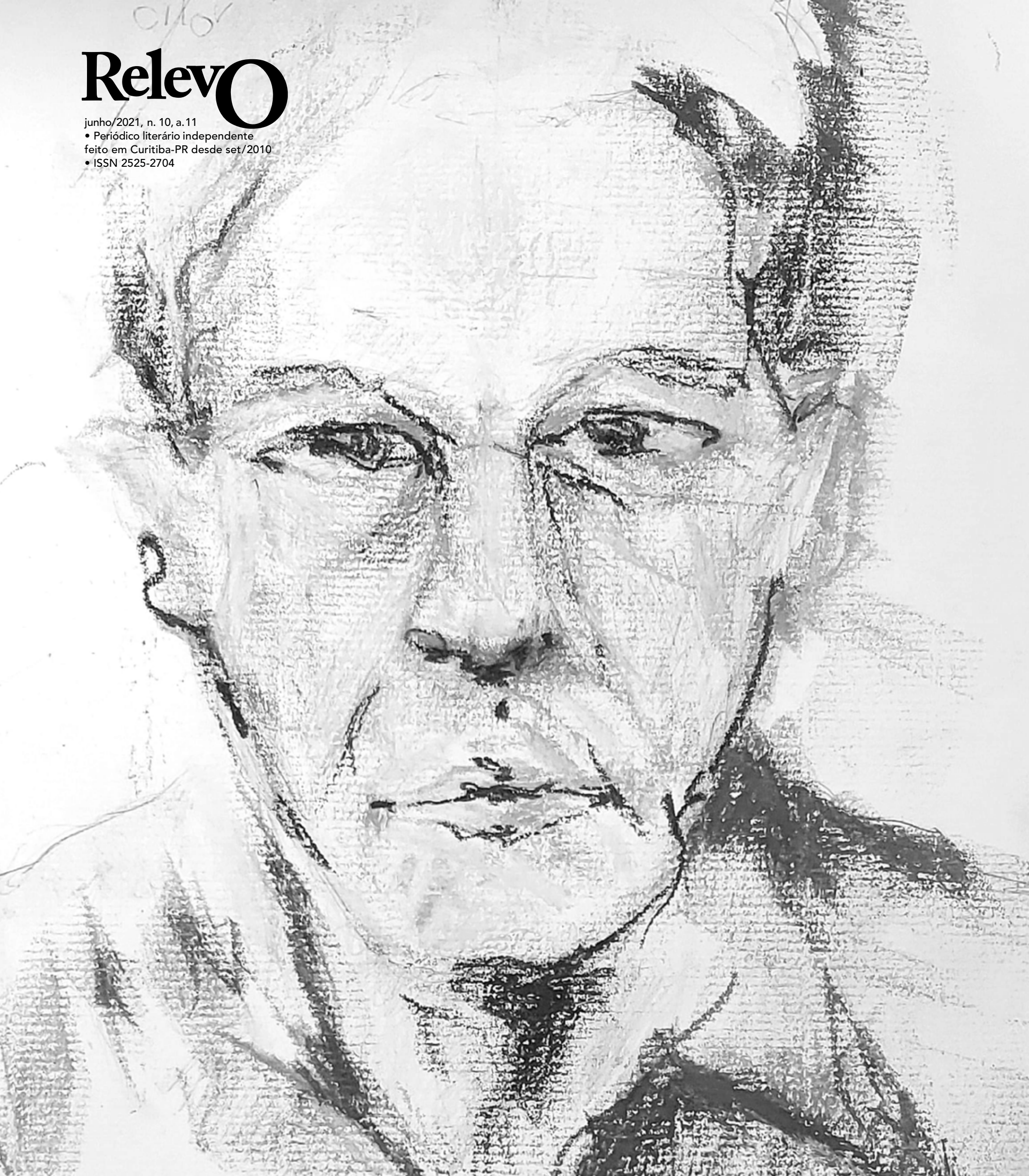


RelevO

junho/2021, n. 10, a.11

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevO.com/assine e jornalrelevO.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevO.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevO.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevO.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Iara Amaral. Você pode conferir mais do trabalho dela em [instagram.com/iaramaica](https://www.instagram.com/iaramaica).

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 280 Maria Luiza Martini dos Anjos; R\$ 150 Elieder Corrêa da Silva; R\$ 120 Claudine Duarte; Kamila Oliveira; Alexandre Guarnieri; R\$ 113 Daniel Babalin; R\$ 105 Marcos Cestari; Maria Beatriz Munaiar Correa; Rodrigo Magalhães de Araujo; João Pedro Braune; Saskya Moraes; R\$ 100 Luísa Cristina Dos Santos Fontes; Gissele Chapanski; Bruno Budin de Menezes; Luis Antonio Nunes; Maurem Kayna; Céla Regina Bocci da Silva; Maria F S Elias; Candeia Araujo; Cymara Scremin; Isabele Orengo; Rochester Oliveira Araújo; R\$ 75 Vivian Renata Kida; Sandra Nodari; Mauro Moraes; Rafael Gonçalves Gobbo; R\$ 70 Julia Pozzetti; R\$ 65 Taís Franciscon; R\$ 60 Rhodrigo Deda; Sammis Reachers; Matheus Rolim; Escobar Fanelas; Silvana Pinheiro; Artur Gomes; Tarcisio Rodrigues Botelho; Tércio Kneip; Renata Garrafonti; Leonardo Defente Teixeira; Barbara Piazza; Adriano Moura; Bruno Luís Frezze Meireles; Samanta Carvalho; Aline Max; Ana Yanca da Costa Maciel; Yasmin Wachholz; Adriano Duarte; Anderson Pimentel; André Vieira; Felipe Aníbal; Maria Diel; Priscila Prado; David de Medeiros Leite; Marcos Arão Rocha; José Guilherme; Diêgo Carvalho; Josiane Fontana; Sandra Stroparo; Tiago Feijó; Iuri de Sá; Eduardo Pereira de Souza; Filipe de Gaspari; Flávio Otávio Ferreira; Leonardo Cordeiro; Armando Peres; Fernando Piva; Ernestina Rita Meira Engel; Ademir Demarchi; Alvaro Nunes; Cleverson Bravo; Marcos Alfred Brehm; Roan Sousa; Diego Ruas; Douglas Beisl; Rafael Parreira; Leila Kelly; Jurema Barreto de Souza; André Nery; Linaldo Guedes; Pedro Guedes Rafael; Lucas Leandro; R\$ 30 Maria Carolina Crestani

TOTAL: R\$ 6.113

ANUNCIANTES:

R\$ 300 William Soares; R\$ 250 Felipe Gomes; R\$ 220 Thássio Ferreira; R\$ 200 Editora Penalux; Luís Gustavo Stein; R\$ 100 Lume Livraria; R\$ 60 Livraria Pará.grafo; Rômulo Cardoso; Editora Ipêamarelo; R\$ 30 Alienígena

TOTAL: R\$ 1.480

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.000
Escritório: R\$ 320
Embalagem: R\$ 1.000
Embaladora: R\$ 60
Autores e ilustradores maio: R\$ 460
Autores e ilustradores retroativo: R\$ 120
Editor: R\$ 1.200
Editor-assistente: R\$ 300
Serviços editoriais: R\$ 200
Mídias sociais: R\$ 250
Diagramação: R\$ 120
Infografia: R\$ 120

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 500
Correios: R\$ 1.888

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 30

(+) Entradas totais: R\$ 7.593
(-) Saídas totais: R\$ 7.568

(=) Resultado operacional: **R\$ 25**

Junho/2021

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Osny Tavares
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 27 de maio de 2021.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

DECEPÇÃO

Gabriel Alencar Peguei a última edição do **RelevO** pra ler esses dias e devo dizer que estou cada vez mais decepcionado, especialmente com a seção de leitores. Não tem mais ninguém xingando o jornal, nenhuma baixaria! Não é possível uma coisa dessas! Será que não tem um pra ameaçar o editor de morte? É a decadência mesmo.

Juliana Andrade Rangel Boa noite, tudo bem? Passando para avisar que finalmente chegou a minha primeira edição. Estou completamente apaixonada. Foi a tal da luz no fim do túnel no final do mês.Valeu muito a espera.Ansiosa pela próxima,

Poliana Speransa Boa tarde! Recebi as edições de março e abril, e amei que tenham me enviado também as de julho, agosto e novembro de 2020. Obrigada pelo carinho e que mais pessoas possam conhecer esse trabalho incrível!

Henri Agaqué Sem a diagramação diferente do restante do jornal, a “pegadinha” de humor da página central funciona melhor. Ao menos, pega mais gente. Esta do *Ulisses 2051* me pegou. Desconfiei um pouco daquele indicador RESENHA destacado do subtítulo, mas, confesso, a foto do livro me enganou. O que denunciou a “armadilha” foram as piadas em sequência (tipo stand-up, mas sem dar tempo do leitor rir da anterior e já vindo outra) — quando o incauto, eu, viu que estava na Página Central (Main Page, 12/13), bati a mão na testa, dizendo: “caí nessa!”.

Luis Fernando Amancio Ah, gostei muito da leitura do Jornal. Projeto gráfico muito agradável aos olhos, textos de qualidade. Parabéns! Futuramente, quem sabe, vou gostar de ser um assinante. Apoiar projetos assim é muito agradável.

Rafa Gonzalez Chegou o Jornal por aqui, demorou um pouco, pois os correios de minha cidade estão com poucos carteiros. Grato pela edição. É muito bom ler sobre literatura num jornal específico, já que os jornais tradicionais não possuem mais crítica literária. Assim que possível, darei minha contribuição para que o **RelevO** continue espalhando boa literatura. Desejo muita força e coragem para enfrentar esse momento difícil para todos!

Natashe Rossato Gostei muito do jornal, vocês têm uma leveza divertida e ao mesmo tempo seriedade. Parabenizo toda a equipe pelo trabalho!

Francisco Costa *Ulisses 2051*: adorei o texto. Um dos sábios conselhos que ouvi, quando decidi cair na vida literária, veio da Flávia Iriarte: não publique livro se não tem um público. Estou me lembrando disso ao ler *Ulisses 2051*.

Adriano Duarte Recebi meu primeiro **RelevO**. Diabolicamente irônico: adorei!.

Paulo Ricck O **RelevO** passou a fabricar porcelanas?



***Da redação:** A nossa startup só cresce!*

Silvio Severino Recebi hoje à tarde a edição de maio! Foda como sempre! Já estou conferindo tudo! Forte abraço.

Nilbio Thé Edição mais neoliberal, impossível. Stalinistas se retorcem no túmulo. Tava lendo ontem sobre como os bitcoins fazem mal à natureza.

ENCLAVE #88

Marceli Mengarda Tem aquele livro do José Luís Peixoto que é baseado na história do Francisco Lázaro! É o *Cemitério de Pianos*, bem bom.

ENCLAVE #87

Lucas Jensen Sensacional o Brazilliance, compartilhei com várias pessoas aqui. O trabalho dele é fenomenal e merece aplausos.

Sabrina Dalbelo (Ainda) Sobre a alegria de ter meu poema “Rasga-ossos” no jornal de março e meu espanto diante do comentário do Marcos Cestari publicado em abril. A propósito, adorei a matéria do ombudsman sobre a desnecessidade de biografia dos autores publicados (p. 7, edição de 05/2021). Como diria Ezra Pound, um poema é bom por ele mesmo, não pelo poeta. E a contracapa? Soltei uma gargalhada.

Sandra Acosta Essa edição da Enclave sobre a desconhecida do Sena foi interessantíssima. Não sabia de nada disso. Amei as referências do Dwight Schrute e o ar pop do Michael Jackson, fui até rever a versão completa desse clipe.

DIFAMAÇÃO

Márcia Arantes O jornaleco de maio chegou e trouxe novidades. O **RelevO** não é mais um jornal literário. Eis o comunicado: "O **RelevO** não é mais um jornal literário: é uma fintech que produz um jornal literário. A partir de hoje, ontem ou amanhã, somos um dos tentáculos de uma holding do Catar (...) junto de um aplicativo de crédito on-line, uma startup de automação logística e uma fábrica de conservas". Tudo bem, mas, como vocês podem ver por esses closes da capa, eles continuam difamando trabalhadores de bem, e isso significa que é um absurdo você não assinar esse jornaleco Forbes Under 30. Assine RelieF: <jornalrelevo.com/assine> (eles ainda não mudaram o endereço de domínio).

Bruna Gabriela Chegou meu jornal tão esperado.Vocês vão ter que me suportar falando horrores sobre ele viu? É um jornal literário, todo conteúdo é focado no universo literário, com poemas, entrevistas de autores e imagens maravilhosas. Eles respondem até as críticas do leitor, o que achei muito estranho/maravilhoso e me diverti.

William Eloi Valeu galera! Continuando com ótimas publicações.

Marcelo Almeida Graças ao Jornal, estou aprendendo a não confundir mais as criaturas e seus criadores...

CAPA DE VERDADE OU NÃO

Greicy Bellin Novamente o belo trabalho do Marcos Beccari na capa — me recordei mais uma vez de “A Terceira Margem do Rio”, do Guimarães Rosa, um dos meus favoritos de toda a literatura brasileira.

Márcio Silva Lindíssima capa. Me despertou aqui “A Terceira Margem do Rio”.

Jão Cartum As aquarelas do Beccari, não dá vontade de parar de olhar.

Vitor de Lerbo Redação com chão de tacos, samambaias e bicicleta amarela.

Fernanda Dante O **RelevO** é agro. É pop. É globo.

Renato Fernandes O **RelevO** é o novo mindset do jovem trader místico!

Fe Bianchini Abaixo os humanos, viva os assets!

Felipe Gollnick Os stakeholders piram. Posso pagar minha assinatura em NFTs ???

Leonardo Migdaleski Disruptores, quebrando paradigmas.

Gustavo Cosecher Fico loka com boy de terno. Desabafo de pandemia, falei. O trabalho de vocês é lindo demais.

Walter Bach Os dividendos da literatura vêm em dinheiro, barras de ouro ou caviar?

Bolívar T. Escobar Desculpa, mas preciso apontar uma correção necessária. Está escrito "Bolsa DOS valores" ali no canto esquerdo da capa, e conforme estudei no meu curso de coaching, finanças e reconquista da masculinidade primitiva, o correto é "Bolsa COM Valores".

Andre Vieira Vai ter vaga pra agiotismo + daytrader de YouTube? Grande dia.

Susanne Panagoulías Estou recebendo os jornais, muito boa a capa do Relief hahahaha Estou estagiando em um programa de cooperação internacional em finanças verdes e o linguajar é esse mesmo!

Rafaela Rangel Tu já conhece o **RelevO**? Um jornal LITERÁRIO, daqui de Curitiba, que serve muito em todos os sentidos. Sério, eu fiquei fascinada com tamanha beleza dessas edições. Os textos, as ilustrações, é TUDO muito lindo! Conheci o jornal esse mês e sinto que já não conseguirei viver sem ele. Vocês imaginam o luxo que é tomar um cafézinho enquanto ler uma crônica num jornal? Chique demais! Recebi a edição de abril desse ano e novembro de 2020. Ambas encantadoras, com poemas, crônicas, novelas e muitas ilustrações. Comecei e terminei as leituras com os olhos brilhando! Se fosse falar de cada composição aqui não daria o espaço haha, mas... em resumo: perfeito. Pelo amor de deus, aproveitem, conselho de amiga.Vocês precisam conhecer essa obra! Agora caso tu queira receber em casa pra apreciar de pertinho, tem alguns pacotes de assinatura (e é baratinho viu, o básico é R\$60 por ano)! Eles enviam pra qualquer lugar do Brasil e inclusive para fora dele.

VERDADES

Jonas Accioly Não entendo a vibe de vocês, não irei assinar.

EDITORIAL

Casaco marrom

Dos aprendizados de 2021: queremos caminhar a passos módicos para permanecer no mesmo lugar que ocupamos. A partir disso, buscamos seguir dentro da linha reta e não desaparecer.

Não criamos grandes expectativas — com o mundo, com a literatura, com nós mesmos. Procuramos produzir e entregar sem sustos (para nós e para os assinantes) um jornal mensal de literatura, lutando sempre pela diversão sem esforço descomunal no meio do caminho e minimização extrema de rusgas internas. Se a Red Bull algum dia nos comprar, melhor ainda. Enquanto isso não acontece, andamos pelo acostamento com o pisca-alerta ligado.

O primeiro semestre do ano foi a continuidade fantasmagórica de 2020, somado aos impactos recentes do aumento de custos em áreas estratégicas do Jornal: papel e itens de papeleria. Ao todo, houve 15% de aumento. De certo modo, isso acompanha o ritmo de um país desfigurado, sem coágulos de sol. Não podemos esperar que o Brasil seja o ouro que vai pingar na prata do camêlo.

Somos um país mergulhado em uma crise permanente com vista para o desfiladeiro. O ciclo em que nos encontramos, de descontrole epidemiológico, desastre econômico, nível grotesco de esfera pública, entre outras formas de ser um país com um passado brilhante pela frente, nos elucidou um modo de estar no mundo: permanecer, reconhecer e repetir.

- 1. **Permanecer:** ter um planejamento razoável a médio e longo prazo, mas realmente defender o mês vigente, com estratégias de transparência e de continuidade, sabendo que o Brasil é a sombra que nos ilumina, o zagueiro desleal no amistoso.
- 2. **Reconhecer:** estar com um projeto em ambiente cultural é saber que as coisas não são difíceis de hoje, mas que também há os aspectos positivos em meio aos sintomas. Entre prós e contras, entendemos que o balanço do **RelevO** fecha para os envolvidos, quiçá para os assinantes.
- 3. **Repetir:** a cada mês, entregamos um periódico com as mesmas 24 páginas, em preto & branco, com uma seleta do que acreditamos ser a literatura que nos interessa, bem como o humor que nos contenta. Estamos repetindo meses há quase 11 anos. Sabemos fazer isso.

Essas premissas nos levam a duas conclusões aparentemente contraditórias, mas acima de tudo complementares. Precisamos ser extremamente otimistas com o futuro, mas extremamente pessimistas com o presente.

Sem algum otimismo com o futuro (do planeta, do país, das instituições culturais), não há razão para qualquer planejamento. É preciso acreditar que o mundo estará em pé e que os responsáveis pelo Jornal estarão vivos (e aptos) para mantê-lo — da gráfica aos Correios, passando pelos editores. Do contrário, por que ater-se a qualquer periodicidade? Por que economizar e pensar em custos? Por que catalogar qualquer produção?

Ao mesmo tempo, é o pessimismo como método em relação ao presente que atíça o instinto de sobrevivência, talvez o mais importante de todos. Preparar-se para os atrasos, para os erros, para as reclamações, para as não renovações. Quebrar é sair do jogo, e o **RelevO** jamais jogaria roleta-russa, mesmo com as probabilidades a seu favor (pois há uma bala em um cartucho de seis).

Enxergar as assimetrias favoráveis e desfavoráveis nos permite chegar ao 11º ano de existência com um processo cada vez mais sólido. Afinal, a falta de processos elimina boa parte dos projetos culturais que dependem de si mesmos. No retrovisor, parecem meros rompantes — ou um cadáver repousando na parede, com um revólver usado no chão.

De algum modo, tentamos não ser um plágio das nossas reclamações — e, então, seguir. Como a canção, sempre anunciamos no mês que vem que vamos voltar aos velhos tempos de mim.

Uma boa leitura a todos.



O que quer o público de teatro?

Teatros pequenos transformam contextos periféricos?

Existe pureza em atuação?

Disponível em versão impressa e digital

www.afonsoilson.com



Osny Tavares

Cômico é?

Em seu décimo primeiro ano de circulação, o **RelevO** parece sentir a deriva do tempo. “Sentir a deriva”, note-se, é diferente de “sentir-se à deriva”. É mais uma sensação de meio de viagem, de mar aberto. Ou seja, uma pessoa de trinta e poucos anos de idade. É independente com algum grau de institucionalização. É alternativa com contatinhos no centro. É jovem com alguns fios brancos.

Será destino de todo aspirante a escritor começar parnaso e terminar cínico? Em um discurso célebre, Leminski afirmou que o verdadeiro poeta era reconhecido na idade. Fazer poesia aos 20 anos era fácil, mas ele queria ver aos 30, 40... Poesia aos 50 anos? Humpf!

Uma porção cada vez maior da identidade do jornal vem sendo moldada pelas páginas de humor. Fixas, produzidas internamente ou por colaboradores regulares, são o que o velho editor da finada imprensa escrita chamava de “respiro”. O produto é ótimo. Criativo, bem desenhado, cheio de referências. Zombar do mundo da cultura e do meio literário (muitas aspas nesses termos todos) é, além de um talento, um privilégio. Mas, tal como as pessoas, os veículos também precisam estar atentos para não transformar o riso em disfarce.

O **RelevO** anterior veio com uma sobrecapa cômica. Penso que o editor se permitiu a brincadeira por imaginar que, estando fechados os espaços culturais em que costumava ser distribuído, o jornal tem encontrado poucos leitores incidentais. Dessa forma, não precisava apresentar-se de imediato.

No entanto, a decisão automaticamente rebaixou a capa à página 3. Isso foi uma pena, pois trata-se de uma das ilustrações recentes mais bonitas. Claro, eu poderia simplesmente destacar essa lâmina, que não faz parte da ordem numérica das páginas, e escondê-la no miolo. Porém, me parece bom senso que uma edição é, essencialmente, uma sugestão de condução de leitura. Não havendo qualquer motivo para aquela seção não estar no miolo desde o espelho (essa também é de editor velho!), essa escolha editorial somente se justifica pelo desejo de que este conteúdo seja primordial ao leitor.

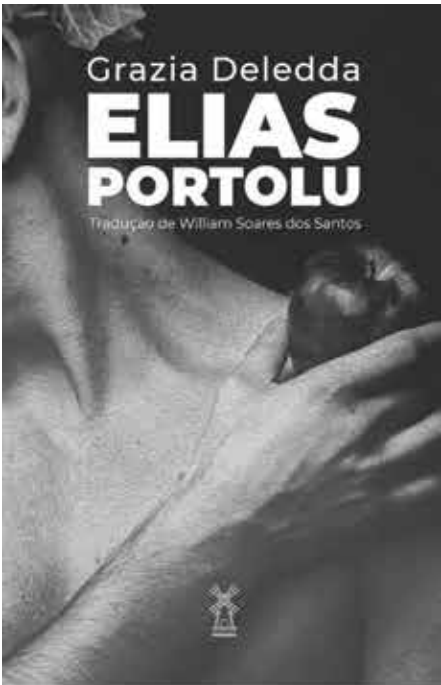
O espírito pode, inclusive, estar se espalhando entre os leitores. Em edição também recente, diverti-me largamente com uma resenha sobre um romance chamado *Ulisses 2051*, que se propunha atualizar Joyce. O autor do texto, que se apresentava como pai do romancista, satirizava as pretensões estéticas e a dependência financeira do resenhado.

Infelizmente, não pude descobrir se o livro, tampouco seu autor e/ou pai resenhista, existem de fato. Nada há em toda a página — entre texto e recursos visuais fixos ou específicos — que distinga a resenha das seções mensais de humor do Jornal. Há, sim, um rodapé informativo com informações técnicas que acompanham toda apresentação real de livros do jornal, mas não me dispus a pesquisar na internet se aqueles títulos estavam, de fato, disponíveis. Afinal, citando a redação, em resposta ao ombudsman na edição passada, “não entendo como fundamental as informações pessoais”.

PS: Em última e remota hipótese, apenas meu jornal veio encadernado dessa maneira. Se verdadeira, para meu maior constrangimento, todos os problemas editoriais, estéticos e existenciais anteriormente apontados ficariam automaticamente invalidados pela extinção do condicionante.

Isso, sim, seria bem engraçado.

APOIADORES



A narrativa de Elias Portolu se passa na Sardenha e é um dos livros mais intrigantes de Grazia Deledda, uma das poucas mulheres a ter sido agraciada com o Nobel de Literatura. O livro narra a história de Elias Portolu, que havia sido preso por pequenos furtos. Ao voltar para casa, é acolhido pela família, com a mãe, em particular, esperançosa de que a prisão lhe tenha ensinado uma lição. Durante sua ausência, seu irmão mais velho, Pietro, ficou noivo de Maddalena, que Elias nunca conheceu. Mas quando Elias conhece Maddalena, eles se apaixonam imediatamente um pelo outro. O resto do livro trata das consequências dessa amor. Pode parecer um simples romance, mas a escrita de Deledda, cheia de tensões, faz com que os leitores virem as páginas incessantemente desejando saber o que vai acontecer. Com tradução de William Soares dos Santos, que esteve na final do Jabuti de 2020, com outro livro de Deledda, *A cidade do vento*, *Elias Portolu* é o segundo livro da autora na Editora Moinhos.

www.editoramoinhos.com.br



À venda no site: www.editorapatua.com.br

ALMA NA CASA SOZINHA

Felipe Gomes

O poeta Felipe Gomes nasceu em 1984 na cidade do Rio de Janeiro, onde vive. Formou-se na UERJ: graduação em Letras, especialização e mestrado em Literatura Brasileira. É professor de Língua Portuguesa na Rede Pública Municipal de Ensino. Tem poemas publicados em diversos periódicos literários. *Alma na casa sozinha* (Editora Patuá, 2020) é seu livro de estreia.

"(...) há uma brutalidade jardim do desejo homoerótico perpassando vários poemas. Gosto muito da maneira como o senso de lugar, de Rio de Janeiro, se dá, sua verve de poeta cronista me seduz. Seus poemas são composições de anotações nervosas, com sentido de urgência. A poesia salta de frase a frase, numa sarabanda de deslocções. É a *sua* linguagem."

Italo Moriconi



Felipe Gomes



Proposta de meta-análise do naming dos principais programas de auditório da televisão brasileira

Bolívar Escobar

A ideia de programa de auditório é uma cacofonia contraditória: um grupo de pessoas decide ir até o estúdio assistir ao programa. Este, por sua vez, transmite todas as atrações pela televisão, direto para o conforto da casa das pessoas, eliminando a necessidade de um auditório. É claro que estar presente fisicamente deve ter suas vantagens: receber um aviãozinho de 50 reais, poder acertar a música que está tocando, mandar um abraço pra família, fazer perguntas aos profissionais convidados. O grande charme dos programas de auditório está na imprevisibilidade: semanalmente, roteiristas são desafiados a imaginar algum quadro novo ou resgatar das profundezas da Câmara dos Deputados algum convidado polêmico para tentar puxar alguns décimos da audiência. Dissertar sobre a fauna e a flora dos programas de auditório brasileiros seria uma jornada sem fim.

É justamente por isso que venho aqui, hoje, propor uma investigação menos ambiciosa. Me chama muito a atenção os nomes escolhidos para essa categoria de programas. Valendo-me do mesmo limítrofe recurso dos historiadores que, em sua ousada busca pelos detalhes do passado, acabam categorizando-o em fatias, resolvo propor a mesma estratégia para tentar classificar os nomes de alguns programas. O objetivo geral é expor uma sistemática que denuncia, nos inconscientes mercadológicos dos responsáveis, uma tendência geral para a escolha desses tais nomes, como se obedecessem a espíritos do tempo ou a requisitos de satisfação dos próprios apresentadores e seu poder de influência.

Começo propondo uma tendência clássica de nomeação. Embora eu prefira muito mais a palavra “conservadora”, por carregar um propósito de resgate valorativo, a tendência clássica enfatiza o apresentador do programa de auditório como um “herói”, um protagonista que se basta pelo seu próprio nome. A ideia do nome clássico é ele ser autodescritivo e prezar pela já mencionada imprevisibilidade do programa. É um programa e pronto, saber disso já basta. Nomes clássicos incluem exemplos notáveis do SBT como o “Programa do Ratinho” ou o “Programa do Silvio Santos”. A Globo tem o “Programa do Jô” como marco nessa categoria.

Avançando na linha temporal, a segunda classificação pressupõe os valores clássicos em uma ressignificação contextual. Ou seja, agrega o que moralmente se destaca no clássico e o encaixa em padrões contemporâneos de consumo: essa classificação são os nomes neoclássicos, que ainda trazem o heroísmo do apresentador, agora contextualizado de maneira geográfica, temporal ou simplesmente acompanhado de uma palavra que contenha algum vislumbre do conceito do programa. Os exemplos de maior pertinência são o imortal “Domingão do Faustão” (indicador temporal somado ao nome do apresentador), “Casa Kalimann” (localizador geográfico), “Encontro com Fátima Bernardes” (contextualizador de experiência) e “Caldeirão do Huck” (metaforização culinária).

Há uma terceira categoria que eu gostaria de nomear como “modernista” devido ao seu reconhecimento da universalização do gênero do programa de auditório, bem como a sua condição de símbolo que deveria se sustentar para além do herói que originalmente o propôs. O modernismo traz consigo a noção da inevitabilidade da morte ou, ainda pior, da demissão ou substituição do apresentador como simples peça do mecanismo produtivo ao qual está submetido. Entretanto, ainda há um apego pelo contexto televisivo, como um programa que precisa ser encaixado a uma grade horária. Um exemplo gritante de modernismo é o “Domingo Legal”, cuja supressão do nome do apresentador mantém a contextualização temporal, mas introduz um juízo valorativo a esse contexto. O “Sabadoço” da Band é outro ótimo exemplo modernista, distorcendo o localizador temporal a favor do *quality-time* que esperamos como audiência. Exemplos modernistas não são tão raros: o “Altas Horas” denuncia essa tendência ao suprimir o nome do talvez apresentador mais velho da televisão.

Por fim, chegamos na quarta e última categoria, que acaba sendo um amálgama de estilos que não se enquadram em nenhuma tendência anterior. É claro que nos resta classificá-los como os nomes pós-modernos de programas de auditório, que não parecem obedecer a nenhum pré-requisito ou sistemática que os valha. Decerto esses programas tenham tirado seus nomes de alguma abstração conceitual que os descreva vagamente, como o extinto “Descontrole” da

Band, ou os milhares de exemplos esdrúxulos da MTV como o “Beija-Sapo” ou ainda os célebres marcos do absurdo televisivo como o “Fantasia”, “Agora é Tarde” e o “Tentação”.

É claro que existem exceções à regra que mesmo o pós-modernismo não consegue abraçar. Microtendências são visíveis em nomes que, por exemplo, tentam passar a ideia do programa de forma literal ou quase violenta, como o “Topa Tudo Por Dinheiro”, que se tratava de pessoas topando tudo por dinheiro, ou o “Passa ou Repassa”, que consistia em uma série de perguntas que poderiam ser respondidas, passadas ou repassadas, ou ainda o “Tudo Pela Audiência”, que era um programa no qual os apresentadores estavam fazendo tudo pela audiência. Outra microtendência poderia ser um minimalismo inaugurado pelo “H”, o programa cujo nome é apenas uma letra, ou o “Angel Mix”, que eu não lembro o que era.

Espero que esta meta-análise nos ajude a identificar estratégias e artimanhas nos próximos programas de auditório. Pegando um exemplo que gosto muito, o “Xou da Xuxa” apela para características clássicas em sua composição: é um show e é da Xuxa. O pulo do gato está na corruptela do “X” como substituto ao “Sh” do “Show”. Ou seja, trata-se de uma roupagem superficial, um artifício sensorial para escorregar, pelas entrelinhas da novidade, o que não passa de mais uma proposta conservadora ao público jovem e desavisado. O Xou da Xuxa é o “Partido Novo” dos nomes de programa de auditório.

Rose Stuart

Maria Fernanda Elias Maglio

Sobe até a capelinha, conta sete túmulos pra direita, mármore, bem debaixo da quaresmeira. Não tem quaresmeira nenhuma e, mesmo se tivesse, não seria capaz de reconhecer, porque árvore é tudo igual, nem devia existir um nome pra cada, quaresmeira, espatódea, manacá. Sempre as incumbências da mãe: Marisa, compra meio quilo de pepino na quitanda, Marisa, passa no Zé Adobe e leva essa cadeira pra lixar o pé, Marisa, troca a lâmpada da copa que queimou, Marisa, refoga moela na cebola pra janta. E agora isso de cemitério. Nunca gostou de cemitério, nada dessas coisas de morte, enterro mesmo só no do pai e faz tanto tempo. Quando a mãe falou, achou que estivesse de brincadeira, demorou alguns segundos pra entender que era sério, seríssimo. Marisa, sonhei com a tia Lina, irmã do teu avô, você nem chegou a conhecer, fazia bolo pra fora. Marisa mergulhava o pão com manteiga no café enquanto ouvia a mãe falar. Eu nunca tinha sonhado com ela, pra falar bem a verdade, nem pensava mais nela, pra você ver como são as coisas, mas agora eu sonhei e no sonho ela me pedia pra aguar as rosas do túmulo e eu falava, que túmulo, tia?, e ela, o meu, minha filha, o meu. Marisa bebeu o café com a manteiga boiando, estava pronta pra dizer, tenho que ir, o chefe falou que mais um atraso e eu tô na rua, quando a mãe fez o pedido: vai aguar as rosas do túmulo dela pra mim? Antes tivesse pedido três quilos de alho, sorvete de uvaia, um litro de querosene, segunda via do registro da casa, vinho no garrafão da marca Périgola, tem que ser Périgola, Marisa, o resto não presta. Quem mandou continuar com a mãe? As irmãs foram casando, e ela na esperança de um dia eu saio de casa, um dia junto dinheiro, pago um aluguel, um quarto-sala na Turvânia

não deve tá saindo caro, mas daí a mãe ficou doente, não podia mais cozinhar, fazer mercado, trocar lâmpada, regar flor em cemitério. Dá um azar danado, sabia, Marisa, deixar de atender pedido feito por defunto. Pensou em responder: ela pediu pra você, mãe, foi pra você. Mas já conhecia o depois, a mãe chorando, a ladainha de você não sabe o que é depender de favor, entrevada na cama, tuas irmãs têm criança pra cuidar, marido, casa e tal, mas você, Marisa, o que é que você faz?, se eu tivesse saúde cozinhas, ariava panela, no meu tempo era um brinco, Marisa, um brinco, agora tá que só teia de aranha e traça. Quando a mãe morrer, não limpa mais nada, não passa uma flanela em cômoda, não compra um vidro de lysoform, um nada, não pisa mais em mercado, farmácia, quitanda, cemitério. Só tem um problema, Marisa, a tia Lina não foi enterrada aqui não, tá no túmulo da família Fonseca lá em Colina, sábado de manhã você vai, tem um ônibus que sai às onze, já liguei na rodoviária pra saber, daqui lá um pulo, coisa de dez minutos regar as rosas, é facinho chegar, sobe até a capelinha, conta sete túmulos pra direita, mármore, bem debaixo da quaresmeira.

Coisa de dez minutos, até parece. Já está andando há meia hora e nada. Parece um labirinto, uma rua e o resto é viela, terra, mato, cruz, placa com número, uma ruazinha que desemboca na outra e na outra e na outra. Sete túmulos depois da capelinha e o que tem é uma tumba escrita Celeste Navarro Reis, saudades de seus filhos Matheus e Thiago. Nada de quaresmeira, nada de família Fonseca. Poderia perguntar, um coveiro, zelador, deve ter registro de quem está enterrado aqui, Idalina Maria Esteves da Fonseca, morta em vinte e dois de maio de 1972, anotou em um

papelzinho. Ou poderia voltar e dizer que regou, achei, mãe, foi facinho mesmo, estava tudo lá, o mármore, as rosas, a quaresmeira tá carregada e olha que nem é quaresma. Mas vai que a tia volta no sonho pra contar a verdade, a Marisa não regou nada, nem achou meu túmulo, minhas flores uma secura.

Olha em volta e não tem ninguém, zelador, coveiro, parente fazendo visita, um silêncio que só se pode fazer em cemitério. Limpa o suor da testa com o dorso da mão, enxuga na calça, devia ter trazido um lanche, um pão com queijo, não trouxe nem água e faz calor, muito calor. Certeza que já passou da uma hora, tira o celular do bolso da calça pra conferir, meio-dia e cinquenta e sete, o ônibus sai três e quarenta, não pode perder. Resolve voltar até a capelinha e contar de novo, vai que a mãe se confundiu, vai que queria dizer pra esquerda, é isso, só pode ser isso. Sente alegria de pensar que vai achar o túmulo, aguar as flores, voltar pra rodoviária, pedir uma esfirra de carne, uma coca com gelo, chegar em casa em tempo da novela das seis.

Marisa se lembra de que não tem nenhum recipiente pra colocar a água, de que adianta achar o túmulo se não tem vasilha pra regar? Devia mesmo ter trazido mochila, uma maçã, um guarda-chuva pra proteger do sol, uma caneca pra servir de regador. Resolve descer até a capelinha por uma das vielas que desembocam em outra e em outra e em outra, vai pegar um vaso que esteja solto de alguma sepultura, morto não deve fazer caso de furto. Aliás, morto não deve fazer caso de mármore, flor. Antes dela morrer vai fazer questão de pedir pra ser cimento e pra ninguém regar nada, nem uma gota de água. Nem sabe se vai ter alguém pra pedir, porque as irmãs tão ocupadas, filhos, marido e casa, um brinco, um brinco.

Caminha na direção da capelinha, a cada passo os tênis afundam um pouco na terra, torce pra que não tenha ninguém enterrado no meio do caminho, porque deus me livre de pisar em osso, pedaço de nem sei o quê. Olha os túmulos com curiosidade, ainda que tenha medo quer saber os nomes, as datas, quem é que sente saudades de quem, José Rubens Eliodoro, viveu como um cristão, Luiz Heleno Dutra, saudades do nosso pai, Rita Marques Éssper, exemplo de mãe, João Santana Lins da Silva, descansa nos braços de Senhor.

Para em frente a um túmulo, nem parece sepultura, lembra uma casinha, um triângulo em cima fazendo de telhado, que esquisito enterrar gente assim. Tenta ler o nome, consegue distinguir um R, seguido de um O e um S, a próxima letra não dá pra ler, mas deve ser um A. O túmulo parece ter sido pintado recentemente, mas é como se as letras estivessem escritas há muitos anos, tantos anos que não resistiram à chuva, ao vento, ao sol que estala, como pode fazer tanto calor em cemitério, está se desfazendo em suor. Senta na beira do túmulo da mulher que deve ter se chamado Rosa, precisa descansar um minuto, chegar até a capelinha, roubar um vaso, contar os túmulos pra esquerda, achar o mármore, andar até a torneira na entrada do cemitério, encher o vaso. Vai beber a água, quando chegar na torneira vai beber a água ainda que seja de defunto, porque um calor que não dá pra aguentar, mais um pouco e ela sente que vai apagar, igual às letras que agora enxerga bem de perto, não é um A, mas um E. Rose, quem diabos tem um nome desses, assim, tão estrangeiro? Marisa aproxima ainda mais a cabeça, o nariz quase encostando na lápide, percebe que além de letras tem números. Uma

data? Distingue dois-nove, barra, zero-oito, outra barra e mil novecentos e os outros números são impossíveis de decifrar, se bem que o último é um zero, com certeza um zero, a tal de Rose morreu em 1990, 80, de repente 60. Chega ainda mais perto e aspira o cheiro de cal, é forte como se tivessem pintado hoje mesmo. Percebe que a tinta cobriu parte das letras, talvez por isso não consiga ler. Começa a raspar a unha do dedo indicador na lápide, bem na altura do que está escrito e aparece: Rose Stuart. Está tão curiosa com a descoberta do nome de quem está apodrecendo debaixo do túmulo em forma de casa, que, por um instante, se esquece do vaso que precisa furtar, do túmulo da tia, da água que deseja tanto beber. Continua raspando com sofreguidão e descobre que há diversas letras debaixo do nome, todas elas legíveis, como se a unha do indicador de Marisa fosse capaz de acender um neon. Lê alguma coisa que está em inglês e ela não entende: “where are you my arctic rose, you disappeared and never returned”. Sabe que never significa nunca e é tudo o que conhece da frase. Não é o suficiente pra facilitar o entendimento, porque na morte tudo é nunca. A tal de Rose nunca mais volta, nunca mais compra antiácido, nunca mais frita bife, rega flor em cemitério, nem molha pão no café. Never. Continua lixando a lápide com a unha, a ponta do indicador está esfolada, ainda assim não para. Embaixo da frase em inglês não há nada escrito, ainda que esteja entre aspas, não tem autoria e ela não consegue saber quem é que sente falta da mulher chamada Rose. Começa a raspar os números e está lá a data, sem indicação se é nascimento ou morte, vinte e nove de agosto de 1900. Marisa sussurra, meu deus, e o silêncio é tanto que é como se tivesse gritado. Por

que alguém pintou o túmulo de uma estrangeira morta em mil e novecentos, quem é que continua zelando por uma tumba de mais cem anos?

Precisa ir embora, tem fome e nunca sentiu tanto calor na vida, o suor escorre pelo avesso dos joelhos, empapa as meias que estão sujas de terra, o sol lateja feito um coração. Só então nota uma estria na base do túmulo, parece uma rachadura, mas não tem nenhuma irregularidade, uma linha traçada perfeitamente. Ajoelha-se pra observar mais de perto, a linha se entende até um certo ponto, depois faz um ângulo reto que se alonga até um novo um ângulo de noventa graus, depois outro, até regressar ao ponto de onde partiu: um quadrado. Percebe que o que está dentro do quadrado não é o chão de cimento, mas um outro material, talvez madeira, sim, com certeza madeira. Bate com o nó do mesmo indicador que revelou as letras e números e é como batucar em uma parede de mentira, som de casca sem miolo. Sabe que precisa ir embora, precisa desistir da mulher que morreu em outro século e que se chamou Rose e nasceu nos Estados Unidos ou da Inglaterra ou qualquer lugar, desistir do chão que não é chão, é madeira, do pedido da mãe, do mármore, da tia-avó que nem conheceu. Sabe que precisa ir embora pra nunca, pra never, molhar a cabeça na torneira da entrada, beber água até estourar a bexiga, até sentir vontade de vomitar, meu deus, que sede. Ainda assim não consegue se afastar das ranhuras da madeira, que diabo deve ter lá embaixo? Força as duas mãos bem no centro do quadrado e nada. Tenta mais perto da base do túmulo e o chão cede, um alçapão cuja porta se abre pra baixo.

Coloca a cabeça no buraco recém-aberto e vê uma escadinha feita de ferro, a temperatura é ao menos dez

graus mais baixa do que debaixo do sol que pulsa como se fosse uma artéria. Talvez por isso tenha tanta vontade de entrar. Antes de enfiar o corpo buraco adentro, Marisa dá uma última olhada no cemitério: uma infinidade de cruz, mármore, cimento, mato, o calor fazendo cintilar todas as coisas. No revés da porta do alçapão há uma argola. Quando está completamente dentro, puxa a porta em direção à cabeça, encerrando o alçapão sobre si. Uma escuridão que só se pode fazer em subterrâneo, o cheiro de umidade e de ar retido em prisão, ela se lembra da mãe dizendo Pérgola, tem que ser Pérgola, Marisa, o resto não presta. E então não se lembra de mais nada, porque agora é Rose, morreu em agosto de mil e novecentos e tem alguém que sente sua falta, mas ela nunca, ela never, nunca que abandona a caverna debaixo do túmulo pra enfrentar o animal que é o sol, que é o mundo, que é a sede, que é a mãe. Ela que agora é Rose Stuart, que nasceu na Inglaterra e nos Estados Unidos e em nenhum lugar. Ela que nunca mais.



"O Arado de Odara, arrisco dizer, propõe-se a realizar um manifesto sócio-político-poético da atualidade. Maurício Simionato assopra a poeira do mundo por meio do verbo, com o olhar sensível aos detalhes presos nos fenômenos e nos acontecimentos atuais. Cada frame dessa distopia está catalogado, entrecruzado à musicalidade das movimentações – corpóreas e de pensamento – do homem",

Amanda Vital,
poeta e editora

Maurício Simionato é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesias "Impermanência" (2012, selecionado pela Secretaria de Cultura de Campinas) e "Sobre Auroras e Crepúsculos" (2017, Multifoco), este último lançado na Bienal de Literatura do Rio/2017.



LIVRARIA
PARÁ.GRAFO

QUER CONHECER UM POUCO
DA LITERATURA PRODUZIDA
NO NORTE DO BRASIL?

A LIVRARIA PARÁ.GRAFO
É ESPECIALIZADA EM ESCRITORES
E ESCRITORAS PARAENSES.



WWW.E-PARAGRAFO.COM.BR

Aleksander Wat

Apresentação de Fernanda Dante

Tradução de Piotr Kilanowski

Aleksander Wat (1900–1967) nasceu em Varsóvia em uma família de judeus assimilados, ou seja, que estavam integrados à sociedade gentia (isto é, não-judia) local e estudou filosofia na Universidade de Varsóvia. Seus primeiros escritos são altamente influenciados pelas vanguardas europeias, especialmente o dadaísmo, o futurismo e o surrealismo. Dessa fase faz parte o poema em prosa *Ja z Jednej Strony i Ja z Drugiej Strony Mego Mopsożelaznego Piecyka* (*Eu de um lado e eu do outro lado a minha estufa “pugférrea”*, em tradução livre), de 1919, além de diversos poemas publicados em periódicos. Wat foi também editor de importantes

jornais literários, de publicações de autores poloneses futuristas e disseminador da obra do poeta russo Vladimir Maiakóvski.

Superada a fase futurista, Wat atuou como tradutor de russo, francês e alemão, e entre seus trabalhos figura a tradução de *Os irmãos Karamázov*, de Fiódor Dostoiévski. Em 1927, lançou *Bezrobotny Lucyfer* (*Lúcifer Desempregado*, em tradução livre), livro composto por nove contos. Devido ao seu envolvimento com o comunismo, Wat foi preso em 1931, mas liberado alguns meses depois e foi, aos poucos, afastando-se dessa ideologia. Na época da Segunda Guerra Mundial, a parte leste da

Polônia foi invadida pelos soviéticos, e Wat acabou preso em 1940 e levado para várias prisões: Lvov, Kiev, Lubianka e Saratov. Em uma delas, teve uma experiência mística que o levou à conversão ao catolicismo. Dois anos mais tarde, Wat foi deportado para o Cazaquistão, então parte da União Soviética, onde reencontrou a família, e algum tempo depois foi preso mais uma vez por rejeitar um passaporte soviético. Ao retornar à Polônia em 1948, tentou retomar seu trabalho como editor e envolver-se na cena literária pós-Guerra, mas foi acometido pela Síndrome de Wallenberg, que lhe causava severas dores pelo corpo todo e o impedia de trabalhar. Em busca

de cura, Wat passou temporadas na Suécia, na França, na Itália e nos arredores de Paris, onde estabeleceu-se definitivamente. Mesmo com as dores, Wat publicou *Wiersze* (*Poemas*) em 1957, que lhe rendeu um prêmio literário do semanário *Nowa Kultura*. Cinco anos mais tarde, lançou *Wiersze śródziemnomorskie* (*Poemas mediterrâneos*). Durante uma temporada em Berkeley, Califórnia, compartilhou suas memórias com Czesław Miłosz, publicadas postumamente sob o título *Mój wiek* (*Meu século*). A dor incessante levou Wat ao suicídio em 1967, em Paris.

Nokturny

I
Bólu przyjście gdy stuka w kość moją jak w drzwi.
Jak los. Kościanym palcem póki się nie poddam.
Póki nie otworzę. I bije między brwi
i jak majtek z książek wrzeszczy na mnie goddam.

Furie liści spadłych sucha piana sztormu
obłoków szarpanina trzask ginących wraków —
noc gdy alchemiczka cjanki warzy z bromu, grynszpan dosypuje do wywarów z maku.

Wreszcie ranek pogodny. Poranek bez radości początek dnia i drogi długiego konania.
Gdy ruchem wyslizgowym odchodzi ku przeszłości
bez znaku bez spojrzenia bez głosu pożegnania.

Saint Mande, 30 października 1956

II
O słodyczki cierpienia, o bólu zaduch,
o zakryście męki, gdzie z wszystkich święceń zdarta tajemnica, komża przepocona,
stuła zaplamiona, kielich poszczerbiony.

Hostii na podłodze rozsypane prochy
i ślad stopy na nich chłopskiej zabłoconej —
Uciec by mi od was na wolne przestworza
na szczyty, gdzie się z Bogiem spała w płomieniu.

tamże, tejże nocy [Saint Mande, 30 października 1956]

III

Was spricht die tiefe Mitternacht

Nietzsche

Co mówi noc? Nic
nie mówi. Noc
ma usta
zagipsowane.
Dzień — ten owszem. Gada.
Bez cezur, bez wahań, bez sekundy
zastanowienia. I gadać tak będzie
aż padnie i skona
z wyczerpania.
A jednak słyszałem krzyk
w nocy. Każdej. W słynnym
więzieniu na Łubiance
Co za piękne kontralto. Z początku
myślałem, że Anderson Marian
śpiewa spirituals. A to był krzyk
nie na ratunek nawet. W nim
był początek i koniec
tak zespolone że nie ustalić gdzie
koniec kończy się
początek zaczyna. To
krzyczy noc.
To krzyczy noc.
Chociaż ma usta
zagipsowane.
To krzyczy noc. Potem
dzień rozpoczyna swoje tralala
aż padnie i skona
z wyczerpania.
Noc — ta nie skona.
Noc nie umiera
chociaż ma usta
zagipsowane.

Saint Mandé, 5 listopada 1956

IV

But what we know we know is what you knew we

knew you knew we knew

Margaret Mastermann,

Misunderstanding in the lady Chapel

Może wiemy ale co
a może raczej
coś wiedzieliśmy---
wiedzieliśmy
ale to
to jak ołów
spadło na spód wód
zapomnienia.
I blask sieje niewiedzenia
w czarnych wodach.

Może wiemy, że wiedzieliśmy.
Może wiemy,
że my wiemy,
żeśmy coś wiedzieli!
czego wiedziećśmy niegodni,
czego wiedzieć nam nie wolno.
Może wiemy, że wiedzieliśmy, że coś wiemy,
co wiedzieliśmy, że nie wiemy wiedzieć ---
ale co
ale co
ale co
ale co

Noc grudniowa 1956

Noturnos

I
Vem a dor no meu osso bate, qual na porta.
Como sina. Com mão ossuda, até a rendição.
Até eu abrir. E esmurra a minha face torta
Como o cabo dos livros berrando "g o d d a m".

Fúrias de folhas mortas, a baba seca da tormenta,
estraçalhadas nuvens, o fragor da degola —
a noite quando a bruxa cianetos aferventa,
azinhavre mistura na cocção de papoula.

Por fim a manhã linda. A manhã sem agrado,
inicia o dia e a trilha da longa agonia.
Quando parte escorregando para o passado,
sem rasto, sem olhar, sem adeus, o dia.

Saint Mande, 30 de outubro 1956

II
Ó lambarices do sofrimento, ó bafio da dor,
ó sacristias do tormento, onde de todas as consagrações
o segredo espoliado, a sobrepeliz suada,
a estola manchada, o cálice fendido.

As migalhas da hóstia no chão espalhadas
e nelas a pegada do pé do camponês, barrenta —
Ah, pudera eu fugir de vocês para os livres espaços,
para os cumes onde, com Deus, se arde em chamas.

no mesmo lugar, na mesma noite [Saint Mande, 30 outubro 1956]

III

Was spricht die tiefe Mitternacht

Nietzsche

O que diz a noite? Nada
diz. A noite
tem a boca
selada com gesso.
O dia — este sim. Tagarela.
Sem censuras, sem hesitações, sem um segundo
de reflexão. E vai tagarelar assim
até cair e morrer
de exaustão.
E no entanto eu ouvia o grito
na noite. Cada noite. Na famosa
prisão de Lubianka,
Que belo contralto. No início
pensei que Anderson Marian
cantava spirituals. E era um grito
que sequer pedia socorro. Nele
estava o início e o fim
tão unidos que era impossível determinar onde
o fim findava
o início iniciava.
É a noite gritando.
É a noite gritando.
Embora tenha a boca
selada com gesso.
É a noite gritando. Depois
o dia começa o seu blablabla
até cair e morrer
de exaustão.
A noite — esta não morrerá.
A noite não morre,
embora tenha a boca
selada com gesso.

Saint Mandé, 5 de novembro 1956

IV

But what we know we know is what you knew
we knew you knew we knew
Margaret Mastermann,
Misunderstanding in the lady Chapel

Talvez saibamos, mas o quê
ou melhor, talvez
sabíamos algo —
sabíamos,
mas aquilo,
aquilo como chumbo
caiu no fundo das águas
do esquecimento.
E semeia o brilho da insciência
nas águas negras.

Talvez saibamos que sabíamos
Talvez saibamos,
que nós sabemos,
que sabíamos de algo!
que não somos dignos de saber
que não nos permitem saber.
Talvez saibamos que sabíamos, que algo sabemos,
que sabíamos, que não sabemos saber —
mas o quê
mas o quê
mas o quê
mas o quê

Noite de dezembro 1956

Oribê

A Oribê é uma editora que também
oferta cursos livres on-line nas
áreas de artes, cultura,
humanidades, literatura e filosofia.

Confira em:
www.https://oribeeditorial.com/cursoslivres

RelevO entrevistas

Geraldo Godinho, o maior especialista em ponto eletrônico do Brasil



“O funcionário nasce bom, a empresa que o corrompe” seria a tatuagem nas costas de Geraldo Godinho, 36, se ele tivesse coragem de fazê-la. “Não, não, isso aí pega super mal em entrevista”. Godinho é analista de Recursos Humanos na Endritech, empresa do ramo de contabilidade contábil, produtividade produtiva e soluções para demais soluções. São doze anos de serviços prestados e uma média de duas reuniões regulares por dia, começando com a reunião com a equipe na segunda-feira, às 8h30, sempre no modo presencial. “A *daily* é essencial”, ressalta Godinho, nascido no ABC paulista, como gosta de falar, mas migrado para Curitiba, cidade cujo ambiente de trabalho ele define como difícil. “O funcionário curitibano briga muito por conta da temperatura do ar-condicionado; acho que o clima fica pesado. Sem trocadilhos, haha”.

Conhecido por ser um dos mais importantes analistas de RH do Brasil, segundo a edição de maio da revista *Pequenas Empresas, Pequenos*

Negócios, Godinho cumpriu, até agora, as principais metas de sua existência: passar a vida adulta inteira sem praticar um só exercício físico e manter a eficiência limítrofe em todas as suas outras atividades. “Tudo pode ser resolvido com planejamento, sem suor e com uma boa planilha”, define, deslizando calmamente a mão direita em sua calvície abundante, para em seguida ajeitar as hastes de um óculos da Chilli Beans.

O torcedor do New England Patriots e amante de Red Label nas horas de folgas, “porque ninguém é de ferro, né?”, recebeu com entusiasmo comedido a equipe do **RelevO**, que passou por um processo de triagem, consulta e posterior atendimento, para uma conversa minimamente descontraída baseada em perguntas pré-aprovadas e que não mencionassem o corte recente de vagas e o nome da sua ex-secretária. “Esse processo vai dar em nada”, defende-se, rasgando um papel A4. Para visitá-lo na Endritech, cada

integrante do Jornal teve de vestir um crachá.

JORNAL RELEVO: Vamos começar do mais básico. O que realmente faz um analista de RH?

GERALDO GODINHO: Bem, primeiramente, é preciso inverter a lógica dessa pergunta [nota: que ele mesmo escreveu no arquivo editado de perguntas]: o que não faz um analista de RH? Sério mesmo. Em tese, de acordo com o site da Catho.com.br, o analista de RH realiza análise da área de Recursos Humanos, recruta e seleciona novos colaboradores, levanta necessidades de treinamento e avalia desempenho de pessoal. Na prática, nós desenvolvemos estratégias pessoais que impeçam o funcionário de fazer o que bem entender, de ser muito efusivo ou de se matar dentro do perímetro da empresa. Somos o dique que impede a água de ir para outro lugar (ou de se misturar com águas poluídas e pessoas, como no caso de Mariana – de Minas Gerais, não a

ex-secret... merda!). Somos a corda que afrouxou quando o Hermes, nosso ex-segurança, tentou se matar no banheiro da firma depois de ser pego em ato libidinoso no estacionamento com o nosso outro ex-segurança, o Cleber. Em ambos os casos, a demissão é melhor que a morte, pois fornece mais papéis impressos. A morte, como já dizia meu pai, é o Grande Verme roendo as suas bolas. Se quiser, posso passar o CPF de ambos.

JR: Não precisa. Quais são as maiores dificuldades de um analista de RH?

GG: Sem dúvida, a maior dificuldade de uma empresa são as pessoas. Depois é o governo (feito de pessoas). Por fim, é a imprensa (feita de pessoas futuramente desempregadas). Só aceitei conversar com vocês porque essa conversa está contando no meu banco de horas e vai virar leitura obrigatória para a empresa inteira, enfiada numa palestra sobre produtividade. Impressiona como o

brasileiro consegue perder tempo de produção focando em futilidades e incomodando quem está trabalhando certinho, batendo o ponto na hora adequada e pegando poucos atestados ao ano. Tristemente, a demanda por indignação relacionada aos problemas de uma empresa e do Brasil é muito alta. Por isso, inclusive, aconselho os meus funcionários a refletir sobre o número abusivo de feriados no país e a apenas serem militantes em *off*. Também não temos [ele fala em nome da empresa espontaneamente, sem se dar conta, duas vozes em simbiose] nada contra cabelo azul, só que pega mal.

JR: Que indignação seria essa?

GG: Vou responder tergiversando brevemente. Quero contar o caso do Jibinho. Me desculpe por ser obrigado a contar isso, mas o Jibinho é gordo e possivelmente homossexual. Bem... Gordo é você, gordo sou eu – apesar de menos que você, pois sou só cheinho. O Jibinho é REALMENTE gordo, um contêiner. Digo mais: o Jibinho é do tamanho de uma praça de alimentação feita só de contêineres. Aliás, ele pode ter comido um contêiner – não duvido dele, emendando um atestado no outro por depressão. Até desconfio que o médico lhe deu um atestado para ele não precisar subir no consultório pelo elevador. Então, dia desses o Jibinho quis problematizar – foi assim que ele começou a falar, PRO-BLE-MA-TI-ZAR – a questão do banheiro, que supostamente seria muito pequeno para pessoas com comorbidades. Vê onde quero chegar? De onde ser gordo é comorbidade? Em vez de militar, por que não andar um pouco, jantar um alface? A culpa de ele parecer um eclipse quando vem trabalhar de jaqueta preta não é da empresa, é da fixação doentia por McDonald's. Serenamente, expliquei-lhe que não tem como ter um banheiro por gordo. Se puder, coloca em negrito essa frase, por favor. Para não parecer alguém baixo que se vinga quando subalternos resolvem reclamar, apenas retirei os

petiscos do refeitório e troquei por gergelim. Depois me lembrei que gergelim podia lembrar McDonald's, aí troquei o gergelim por água potável, uma iniciativa inédita na empresa – sustentável, como dizem. É isso: ser analista de RH é uma eterna luta para administrar conflitos e calorias (no caso do Jibinho). Ou aguentar sugestões como a Semana do Orgulho Nerd. Escreve aí: o mundo seria um lugar muito melhor se todo mundo apenas descontasse suas frustrações em compras ou em passatempos escrotos, tipo plastimodelismo. Tem um estudo muito bacana que relaciona a existência de casa de ópio com a baixa insatisfação no trabalho. Infelizmente o estudo não foi concluído, porque o autor se viciou em ópio e morreu cedo. Mas a semente foi plantada – e é de papoula.

JR: E quais são os maiores desafios da profissão?

GG: Certamente, é o preconceito que nós, do RH, sofremos. Muitos funcionários simplesmente detestam o analista de RH, mas eles sequer sabem o que fazemos. Outro dia, recebi um bilhete por baixo da porta, escrito “o que tu faz o meu sobrinho autista faria, e com mais competência, seu lixo burocrata”. Por isso, os relatórios: para mostrar cada controle que fazemos. Ontem mesmo, aconteceu uma situação degradante: o João do almoxarifado pintou com merda o meu nome na parede do banheiro, completando com canetinha “me fode agora fdp”. Enfim, tudo porque eu o multei por ter esquecido de bater o ponto. Gente, normas são normas. Não fui eu que escrevi, mas todos concordamos. Não me interessa se ele mora aqui do lado ou vem de Uber (dirigindo, no caso, porque não fornecemos VT nem qualquer subsídio). *Hello*, democracia é isso. Eu sou o errado agora? Se todo o mundo pensar assim, como podemos reclamar dos políticos em Brasília? Na hora de receber um chocolate de Natal ninguém reclama, né?

JR: Como você sabe que foi o João do almoxarifado?

GG: Pelos traços étnicos e sanitários.

JR: Quais são os atributos necessários para um bom analista?

GG: São coisas absolutamente relevantes e importantes para um bom analista de RH: não misturar vida pessoal com trabalho. Eu mesmo resolvo isso não tendo vida pessoal além do necessário, reduzindo meu tempo ocioso a uma ou duas visitas por mês à Casa da Débora [nota da redação: não é uma casa, não tem uma Débora]. Quinta à noite tem desconto pra quem é CLT, mais uma das inúmeras vantagens da regulação trabalhista. Sabe onde é? Ali pertinho do Centro...

JR: Não sabemos... Como a sua função está lidando com a crise contemporânea?

GG: Penso que toda crise é uma oportunidade de crescimento. Como o Brasil está sempre em crise, podemos sempre crescer. Ou seja, o Brasil tem grandes oportunidades, principalmente se o funcionário bate o ponto no minuto certo, participa pouco nas reuniões com os superiores, não reclama que troquemos hora-extra por banco de horas, não exige plano de saúde, não quer ganhar muito e não escreve o nome de alguém da empresa com merda no banheiro exclusivo do RH.

JR: O que te qualifica como um grande analista de RH?

Quais são suas estratégias para deixar o ambiente da Endritech harmonioso e produtivo?

GG: Olha, o pessoal esquece, por isso sempre peço para repetirem comigo. São recursos o quê? Humanos. Humanos... Eu amo pessoas, eu conheço pessoas. Então, meu papel – e o que me qualifica, modéstia à parte, porque quem julga é Deus – é saber conhecer os pontos positivos e os negativos de cada um (mas principalmente os negativos). Por exemplo, a Lúcia, de TI. Uma

menina super talentosa, mas tão envergonhada. O que eu fiz para dar um empurrãozinho no entrosamento dela? Criei uma gincana em que os funcionários da empresa inteira precisavam tirar *selfies* com os colegas que não conheciam (de preferência no intervalo de almoço). É assim que as grandes relações pessoais nascem: de forma protocolar e, informalmente, obrigatória! Ali eu já vi que a Lúcia não se adaptaria... Outro caso foi o do Silva, nosso primeiro, digamos, “moreno” da empresa. Logo na sua primeira semana, eu e a gestão inteira pintamos nossos rostos de cores mais escuras para mostrar que seríamos sempre iguais a ele. Ele não gostou, acredita? É complicado; depois o pessoal reclama de falta de oportunidade. Às vezes as pessoas não se entendem, e é por isso que elas precisam de gente do RH: para entendê-las *por* elas e *no lugar* delas. São tantos bons exemplos, mas fico com esses dois. Ah, e reuniões. Muitas reuniões.

JR: Qual mensagem você deixaria para o funcionário brasileiro?

GG: Todos os seus sonhos podem ser realizados se você tiver um só e ele for suficientemente medíocre.



Páginas do livro *Brazilliance* (2011), de Andreas Dünnewald (Fonte: Brazilliance).

***Brazilliance*: o alemão por trás de um catálogo extraordinário da música brasileira (parte 2)**

Esta é a segunda parte da entrevista com Andreas Dünnewald, editor do Brazilliance, um repositório extraordinário da música brasileira no século 20. Para ler mais sobre o projeto e conferir a primeira parte, acesse <jornalrelevo.com/brazilliance>. Dünnewald, alemão, mantém o site há mais de dez anos. Ele também é autor de Brazilliance (2011, ed. Conte Verlag), livro que compila 1.111 capas de discos brasileiros lançados entre 1952 e 1977. Seu trabalho pode (e deve) ser acessado pelo link <<https://brazilliance.wordpress.com>>.

JORNAL RELEVO: Você já leu *Ho-ba-la-lá*, de Marc Fischer? [Nota: livro em que o autor, um alemão, vem ao Rio de Janeiro obcecado para encontrar João Gilberto. Fischer se matou antes do lançamento.] Em termos de livros, especificamente, sei que parte do trabalho de Ruy Castro foi traduzido para o inglês, mas realmente não tenho ideia do que mais pode ter chegado à Alemanha vindo daqui. O que você me diz? ANDREAS DÜNNNEWALD: *Chega de Saudade*, de Ruy Castro [ed. Cia. das Letras; na Alemanha, *Bossa nova - The Sound of Ipanema: Eine Geschichte der brasilianischen Musik*, é um livro excelente, escrito de maneira muito cativante, com grandes histórias de fundo. *Ho-ba-la-lá*, de Marc Fischer, vale a pena por sua perspectiva muito pessoal. Além deles, li alguns livros publicados em inglês no Brasil e nos Estados Unidos, mas não me lembro deles, então evidentemente não foram muito instrutivos para mim. *Antonio Carlos Jobim: um homem iluminado* [ed. Nova Fronteira], de sua irmã Helena Jobim, ainda está na minha lista.

JR: Brasileiros entram em contato com você por conta do Brazilliance? AD: Ocasionalmente. Seja para elogiar — o que, obviamente, é sempre um prazer —, seja porque estão procurando algum disco ou música. Mas de vez em quando algo especial acontece. Certa vez, alguém entrou em contato a respeito do disco *Orquestra de Danças* (1957), da Orquestra do Sindicato dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro. O tio dessa pessoa havia composto três das músicas e participado das gravações. O sindicato em questão estava preparando seu aniversário de 50 anos, mas não tinha uma cópia do disco — que não estava disponível em lugar algum. Claro que foi um prazer lhes providenciar, ao menos de forma digital.

Outra vez, um casal me escreveu dos Estados Unidos indagando se João Gilberto e Tom Jobim tinham tocado no cruzeiro que eles fizeram do Rio de Janeiro a Nova York em 1962. Eles me perguntaram se isso poderia ter acontecido. Depois de alguma pesquisa, tive de responder que isso seria muito difícil, tendo em vista que à época ambos estavam tocando em seu famoso espetáculo no Au Bon Gourmet, no Rio, quando ‘Só danço samba’, ‘Garota de Ipanema’ e ‘Samba do avião’ estrearam para o público. Mas foi uma pergunta absolutamente comovente.

JR: O que você geralmente escuta? Em geral, não só de música brasileira. Aliás, você toca algum instrumento? AD: Cresci escutando discos de jazz e a música pop da American Forces Network (AFN) [serviço governamental

de mídia das forças armadas americanas], porque minha mãe não gostava da rádio alemã. Meu programa favorito quando adolescente eram as paradas dos Estados Unidos de 1935 a 1950, todos os domingos de manhã na AFN. Nelas, descobri as orquestras de Tommy Dorsey e Harry James e cantoras como Billie Holiday e The Pied Pipers. Quando comecei a pintar e desenhar, aos 14, passei por várias fases, e uma delas foi a da Ásia Oriental. Enquanto alguns compravam discos do Abba, eu comprava *swing music*, música japonesa de koto e óperas chinesas, que eu ouvia alto, muitas e muitas vezes. Isso me levou à [ópera] *Turandot*, de Puccini (a gravação definitiva, com Birgit Nilsson, 1966), e ao mesmo tempo eu ia de ‘Mirage’, de Stan Kenton (de seu disco *Innovations in Modern Music*, 1950), direto para *A Sagração da Primavera*, de Stravinsky. No início dos anos 1980, o pós-punk e a *new wave* se tornaram meu universo musical, mas também o pop e o *soul* dos anos 1960 — e mais jazz (*hardbop* e *cool jazz*), além de cantoras como Sarah Vaughan e Nancy Wilson. Eu não sobreviveria na tão falada ilha deserta sem New Order/Joy Division, Siouxsie and The Banshees, Chris Connor, Dusty Springfield e tudo que soa como *Wall of Sound*, de Phil Spector, e Motown. Óperas, principalmente as de Puccini e Verdi, têm um lugar especial no meu coração, tal qual cantoras como Renata Tebaldi. A música mais tocante já escrita, na minha opinião, é ‘Ich bin der Welt abhanden gekommen’, de Gustav Mahler, principalmente quando cantada pela inigualável Christa Ludwig. Qualquer um que não seja duramente afetado pela beleza e pela verdade dessa música provavelmente está morto. O que torna a música tão incomparável é seu efeito imediato e livre de influências. Podemos ter nossas preferências e achar outras coisas absolutamente detestáveis, mas nunca conseguimos escapar dos efeitos inconscientes da música. Nesse sentido, para mim, essa é a mais emocionante das artes, talvez até a mais humana. Não sei tocar nenhum instrumento, não sei ler partituras e, infelizmente, também não sei cantar, embora eu creia que a voz seja o instrumento mais belo. Mas isso não me impede de me ver como um indivíduo musical, porque não limito meu gosto e tenho a necessidade de adquirir conhecimento a respeito da música de que gosto — conhecimento que me permite compreendê-la melhor.

JR: Na primeira parte da entrevista, perguntei por que razão você começou o Brazilliance. Agora te pergunto: por que você o mantém? AD: Conhecedores do jazz estão familiarizados com o *Great American*

Songbook, uma coleção de *standards* de jazz e música popular que se estendem aproximadamente de 1920 até 1960. Mas a ideia de cânone das músicas mais importantes e influentes, cujo legado resistiu ao teste do tempo, aplica-se igualmente ao Brasil, porque inúmeras músicas, principalmente dos anos 1930 até os anos 1960, tornaram-se *standards* por direito próprio. Elas foram gravadas muitas vezes, suas letras são conhecidas e elas ainda são amadas e tocadas. Gosto de pensar nelas como o *Brazilian Songbook*, embora ninguém o chame assim. E porque aparentemente ninguém tentou juntar tal coleção — que apresente as diversas gravações e tente informar algo sobre as composições —, fiz isso com o Brazilliance desde 2014.

JR: Por fim, de que maneira você compila e organiza as informações do Brazilliance? (Percebi que boa parte das páginas da seção de referências, por exemplo, já nem é mais atualizada).

AD: Até o momento, o Brazilliance tem cerca de 170 páginas de músicas de 1937 até 1970; a cada dez, uma é uma versão brasileira de uma música internacional. ‘Manhã de Carnaval’ é a mais extensa, com 75 gravações. Geralmente apresento todas as versões que tenho ou consigo encontrar. Apenas em listas longas eu retiro uma ou outra, quando estas não acrescentam algo em relação às adicionadas. Ainda resisto à tentação de publicar músicas que, incompreensivelmente, foram gravadas apenas uma vez, então é necessário haver ao menos duas gravações para eu criar uma publicação. Idealmente, músicas do mesmo ano de origem não seguem uma à outra, e a ordem de publicação também deve alternar entre gêneros e velocidade, bem como em número de gravações. De acordo com os anos de origem, o foco provavelmente se concentra por volta de 1960, mas esses anos foram obviamente muito criativos, com um número impressionante de grandes composições. Gosto particularmente das orquestrações e dos arranjos daquele tempo, e, estilisticamente, essa época também foi bastante diversa. Sou especialmente apegado ao [gênero musical] sambalanço, por exemplo. Apesar de sua popularidade, ele só corresponde a um período muito curto.

A pesquisa muitas vezes é difícil, porque as fontes não são tão extensas quanto as de gêneros dos Estados Unidos e da Europa. Os arquivos mais importantes são o **Instituto Memória Musical Brasileira** [immub.org] e o **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira** [dicionariompb.com.br]. Contudo, nenhuma fonte é livre de erros e, para conseguir fornecer uma informação confiável, preciso comparar muito

conteúdo *on-line* com criticidade. Muitas vezes é como um quebra-cabeças em que você tem de organizar as peças enquanto as agrupa. Ainda assim, meu próprio conteúdo dificilmente é livre de erros. Não cito as fontes porque isso aumentaria meu empenho enormemente. Mas verifico tudo — tanto quanto é possível — por precisão e, quando em dúvida, me abstenho de fornecer informações. Minha página de referências lista de forma incompleta os sites que lidam com a música sobre a qual escrevo, ainda que alguns deles tenham sido descontinuados. Além das páginas de músicas, outros capítulos adicionaram facetas ao longo dos anos:

From the Vault, em que ofereço minhas compilações pessoais. Comecei em 2017, quando tinha pouco tempo para as páginas de músicas. Como essa série parece ter tido alguma popularidade, porém, decidi continuar. Em 2020, comecei o **Reutilisation**, uma série sobre gravações nas quais arranjos e outras faixas foram reaproveitadas. Na maioria dos casos, a gravação original continha um vocalista, ao passo que a segunda era instrumental. Um olhar mais atento revela que, em cada caso, ambas as gravações foram lançadas pela mesma gravadora (ou por uma de suas subsidiárias), o que claramente indica que elas apenas queriam reduzir os custos de produção ou aproveitar-se de músicas populares uma segunda vez. Mas os resultados geralmente são muito válidos. Além disso, é a perfeita trivía de colecionador.

Em 2021, comecei o **Pseudonyms**, uma série sobre músicos que utilizaram pseudônimos para além de seus nomes reais. Como é uma série nova, ainda há apenas um artigo até o momento — sobre Ed Lincoln, que certamente teve mais [pseudônimos] que qualquer um, com ao menos 18 —, mas outros virão. E quem sabe, numa dessas invento outra coisa. O Brazilliance se tornou meu bebê (enquanto escrevo isso, minha gata, Elza, subitamente olha fundo nos meus olhos, mesmo que ela parecesse estar dormindo) e ainda é divertido. Então, definitivamente pretendo continuar... Bem como meu segundo site, KEUP — My Favourite Things [keup.wordpress.com], que comecei em 2019. Quase se poderia pensar que o Brazilliance não é o suficiente para mim.

Wilder vs. Chandler

O filme *Pacto de sangue* (*Double Indemnity*, 1944), adaptação de uma excelente novela de **James M. Cain** (1943), marcou o cinema tão logo foi lançado. Ali se consagrava a estética do *noir* americano, levantando o sarrafo para inúmeros filmes que viriam a copiá-lo.

Pacto de sangue dispunha de uma colaboração estelar por trás das câmeras: ao diretor **Billy Wilder**, juntou-se ninguém menos que **Raymond Chandler** como roteirista. E se a qualidade do resultado era indiscutível, a produção contou com um entrave: Wilder e Chandler não poderiam ser mais diferentes um do outro.

Simplificando (talvez demais), a relação entre os dois parece representar o desconforto que emerge quando um extrovertido e um introvertido não se batem.

Wilder, nascido (Samuel) na Áustria-Hungria, era 18 anos mais novo e havia escapado da Segunda Guerra (sua família – de judeus poloneses –, não). Chandler havia lutado na Primeira Guerra e, apesar de nascido nos Estados Unidos, tinha formação (e personalidade tipicamente) inglesa, afinal havia vivido da infância até o início da vida adulta na Inglaterra.

Wilder afirmou que Chandler parecia um contador – e que o escritor carregava a acidez típica dos alcoólatras. O diretor era adepto de um certo antagonismo entre colaboradores. Segundo ele, “se duas pessoas pensam parecido, é como se dois homens puxassem o mesmo lado da corda. Se você vai colaborar, precisa de um oponente para equilibrar as coisas”.

Chandler, novo em Hollywood, detestava Wilder. Já respeitado pelo romance *Sono eterno* (1939) quando foi contratado pela Paramount, o escritor chegou a se demitir da produção, relatando uma série de reclamações à produtora a respeito do diretor. A mais curiosa certamente se referia ao fato de Billy Wilder usar uma bengala e apontá-la para o roteirista enquanto conversavam.

Em carta de 1950 a seu editor inglês, Jamie Hamilton, Chandler escreveu: “Fui para Hollywood em 1943 para trabalhar com Billy Wilder em *Pacto de sangue*. Foi uma verdadeira tortura, e provavelmente encurtou a minha vida, mas com essa experiência aprendi, sobre a arte de escrever para o cinema, tudo que eu era capaz de aprender, e que não é grande coisa.”

No romance *A irmã mais nova* (1949), Chandler claramente se utilizou da experiência para descrever o momento em que seu notável protagonista, **Philip Marlowe**, interage com um produtor de Hollywood:

“Ele caminhou até um vaso alto e cilíndrico no canto da sala. Dali, tirou uma bengala de malaca, entre várias que havia. Começou a ir e voltar pelo tapete, balançando com habilidade a bengala, paralela ao pé direito.

Fiquei sentado, terminei meu cigarro e respirei fundo: ‘Tem coisas que só podem acontecer em Hollywood’, resmunguei.

Ele deu uma elegante meia-volta e me olhou. ‘Perdão?’...

‘Por exemplo: um homem aparentemente dotado de sanidade mental andando para lá e para cá dentro de casa, imitando o andar das pessoas de Piccadilly e segurando uma vara de domar macacos.’

Ele assentiu.

James M. Cain adorou a adaptação de seu romance. Público e crítica também: *Pacto de sangue* foi indicado em sete categorias do Oscar de 1945 e, muito mais importante que isso, consagrou-se na estética cinematográfica. Naquele mesmo ano, Chandler escreveu o ensaio “Writers in Hollywood”, no qual reclamou de sequer ter sido convidado para uma coletiva de imprensa sobre a produção.

Wilder respondeu “não o convidamos? Como poderíamos? Ele estava bêbado embaixo da mesa do [bar] Lucy’s”. *Farrapo humano* (*The Lost Weekend*, 1945), o filme seguinte do diretor, contou com Ray Milland interpretando o protagonista Don Birnam, um escritor alcoólatra.



Carolina Bataier

Aparar as unhas e cortar as folhas da violeta. Cobrir com terra a raiz exposta. Guardar copos e talheres. Celebrar o chão, enfim, varrido. Ariar as panelas e esfregar o vão dos azulejos da pia. Esperar a água ferver olhando para a chaleira. Fazer um chá e deixar esfriando sobre a mesinha do quarto.

Não beber cerveja hoje. Lavar os legumes. Chacoalhar o tapete, acender um incenso e recolher, debaixo do sofá, o corpo frágil do passarinho assassinado. Segurar pelas perninhas, espantar as formigas, enterrar e varrer as penas.

Afagar o gato, lamentar uma ave a menos no céu, agradecer ao gato pelo presente.



“Deus não gosta das vociferações e dos discursos violentos — salvo daquele que foi ofendido”, diz o Alcorão (4: 148). Mas Deus existe? E o que é uma vociferação? E um discurso violento? E o que significa ser ofendido? Ao abordar essas e outras perguntas, FGAM, a segunda coletânea de poemas de Felipe G. A. Moreira (doutor em filosofia pela Universidade de Miami com sanduíche na Universidade de Bonn), retrata: um tipo que se autointitula Deus à la Jesus ou Charles Manson (e.g., “Sobre a morte de FGAM”, “Sequestro Público da Senhorita Saúde”, “Ozymandias”, “O crucificado”...); um homem abusivo que se acha abusado ou vice-versa ou que procura justificar o aparentemente injustificável (e.g., “Chuck Traynor”, “José Sarney”, “Eu sou o homem ambíguo...”, “Eurico Miranda”...); uma mulher (e.g., “Harley Quinn”, “Eva Braun”, “Camilla Parker Bowles”...) ou mesmo uma criança (e.g., “Macaulay Culkin”) abusada, abusiva e/ou que tem uma concepção alternativa de amor; uma pessoa deprimida (e.g., “Pessoa deprimida...”, “Veneza”...); uma pessoa que nem sabe muito bem quem ela é (e.g., “XXY”) ou se ela é louca (e.g., “Lavanderia”); uma pessoa racista (e.g., “Rio de Janeiro”, “José Dirceu”) ou terrorista (e.g., “Abdelhamid Abaaoud”) só que não só que sim só que, etc. Em suma, estão dizendo que FGAM é imperdível! Site para compra: <https://www.editorapatua.com.br/>.

Contato: www.felipegamoreira.com



"Dédalo é devoto de uma religião marginalizada: a ciência. Ele é um prodígio da cliodinâmica, que mistura estatística, psicologia, ciências sociais e outros saberes para prever o futuro. Quando, em seus estudos, descobre que a vida do Imperador corre perigo, acaba tragado para o centro do sujo jogo político de Nebulosa.

A história dele se entrelaça a outras três. Nas franjas desse Império interplanetário, Aurora cresceu em meio a uma infundável guerra civil e, para ajudar a mãe doente, coleta sucata nos campos de batalha. Ícaro é o filho mimado do Imperador que foge da tirania do pai e passa a viver em meio a piratas espaciais. E a família Suçuarana, que costumava ser a mais poderosa do Império, tenta lidar com a decadência quando se descobre falida.

As referências vêm de muitos lugares, da Fundação de Asimov, que inspira a seita de Dédalo, ao Leopardo de Lampedusa, por trás da saga dos Suçuarana. Temas como determinismo, livre arbítrio, imobilidade social, desigualdade, corrupção intrínseca ao poder, controle e opressão familiar, tão caros à realidade brasileira, são levados a um futuro distante, num épico espacial."

Nebulosa
André Cáceres
336 pg.
R\$ 45

Editora Patuá

Visível

Maria Catarina

Acreditar que a cama onde dorme
é mais firme no solo do que um barco fosse na água. Não.
Melhor não confiar na cor sempre igual da madeira. Linha reta imaginária.
(Ondas são apenas distorções horizontais)
E saber que isso dentro de você
não obedece à lei da gravidade.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

A última subtração

Ricardo Leão

Alguma coisa falta
Aos mortos sem os lábios.
Talvez a inútil graça
De quem ri de soslaio.

Quem sabe uma adaga
Ao fim de outro adágio.
Um grito meio peralta
Entre o vício e o plágio.

Quem sabe outra fralda
Após mais um desmaio.
Uma mesa bem farta
Com que sirvo o lacaio.

Talvez a morte exata
De um chinês ou malaio.
Ou mesmo a alma em asma
De antigos dinossauros.

Talvez o sexo em magma
De amantes bem devassos.
Talvez um gozo em Málaga.
Talvez a mão no mastro.

Alguma coisa brada
No pó dos mortos flácidos.
Uma voz muito fraca
Que ouço após um naufrágio.

Alguma coisa parca
Que é a soma do escasso
Com que conto as larvas
Que devoram o abstrato.

Alguma coisa vasta
Que finjo ser orgasmo,
Logo após uma farra
Entre o coito e o espasmo.

Alguma coisa casta
Que penso ser o falo
De um deus que se castra
Ao som de todo escárnio.

Alguma coisa gasta,
Que logo entra em colapso,
Com a angústia clássica
De mortos bem honrados.

Alguma coisa vaga
Que leio nos decálogos,
Com a saudade laica
Dos mais rudos centauros.

Alguma coisa ingrata
Que lembra até o diabo,
Com seu riso de fada
E os olhos bem estrábicos.

Alguma coisa em brasa
Que vem dos holocaustos,
Com a fúria das fardas
E o inferno dos átomos.

Os mortos são tua saga,
De vasto anedotário.
Ainda ontem, em meio às traças,
Ouvi o som de seus passos.



ELISA PEREIRA
Poeta e Escritora

Produtora do Sarau @fuzue_literario
Contatos:
24) 99992-5516
face: doce.poesia
instagram: @elisapereira1975
site: www.elisapereira.com.br





"Em *Quem sou eu: meu epitáfio*, Mayara Lima é humana e artista; procura esclarecer sua própria identidade em versos, encontrando-se em meio às inúmeras facetas experienciadas pelo ser humano na construção de sua identidade. Ora real, está no mundo da literariedade, e é comerciante, psicóloga, doadora de livros para bibliotecas; ora figurada, flutua no ar da linguagem poética e é metamorfose, contradição e contemplação."

Analice Chaves, poeta

Adquira seu exemplar em
www.e-galaxia.com.br/produto/quem-sou-eu-meu-epitafio

Lioba Happel

Tradução e apresentação de Valeska Brinkmann

Lioba Happel (1957) é uma poeta alemã da Baviera. Estudou Serviço Social em Bamberg, depois Estudos Alemães e Hispânicos na Freie Universität de Berlim. Trabalha como escritora freelancer, tradutora autônoma de inglês e francês, revisora e professora de alemão, em Berlim e Lausanne (Suíça). Paralelamente trabalha com pacientes de demência. Ganhou vários prêmios e bolsas, como recentemente o prêmio Poetik da Faculdade Alice Salomon, em Berlim (entregue em janeiro de 2021), onde passa a lecionar como professora convidada no ano letivo de 2021. Os poemas abaixo são de 2017 e pertencem ao livro *Puls 100 Gedichte* (Edition Pudelundpinscher, 2017, Suíça).

Um pequeno movimento no sono e eu já sabia
que estava sendo odiada
Não soltei as amarras dos pesadelos
nem bradei gritos raivosos de guerra

Nenhuma bandeira quis ser hasteada
nenhum desespero descer nas canoas por entre talos

Nos canaviais espreita aquele que me ama, aquele que me odeia
Ódio, ódio — está gostando coraçãozinho?

Nisso alguém estica a língua pra você
e você não sabe se está morrendo

de medo ou amando
assim ofuscada você leva a mão sobre os olhos —

como se estivesse à procura da verdade
se é amor, e não ódio, amor que mata

Amor, volte para os arbustos
deixe os galhos tragarem você

esconda-se na vegetação rasteira
amor desfaleça, amor apodreça, desfaleça..

Eine kleine Bewegung im Schlaf und ich wusste
dass ich gehasst werde
Keine Alpträume ließ ich vom Stapel laufen
auch keine kleinen zornigen Kriegsrufe

Keine Flaggen wollten gehisst werden
keine Verzweiflung sich in Kähnen zwischen die Halme werfen

Im Schilf lauert der, der mich liebt, der mich hasst
Hass, Hass — wie schmeckt dir das Herzchen?

Da streckt dir eine die Zunge heraus
und du kannst nicht spüren, ob du zu Tode

erschrocken bist oder liebst
so geblendet hebst du die Hand über die Augen —

wie man halt Ausschau hält nach der Wahrheit
ob es Liebe ist, nicht Hass, Liebe, die tötet

Liebe, zieh dich ins Gebüsch zurück
lass die Zweige über dir zusammenschlagen

verbirg dich im Unterholz
Liebe verfalle, verfaule Liebe, verfalle...



Estes Itinerários — 20 livros de Thássio Ferreira, vencedor do I Concurso Literário Editora UFPR — estão organizados numa espécie de trívio, encruzilhada para se perder, errar a esmo, como quem afirma sem medo: “quero a loucura”. Nessa estrada do nada ao nada, onde o que mais importa é desandar, fica muito claro como “as margens dos caminhos / são mais seguros passos / que os caminhos mesmos”. Porque muita coisa aqui se encontra: ribeirinhos, índios, plantas, bichos, pais e filhos, dilemas da linguagem, metapoesia como sistema de pensamento, amor e delírio, mas tudo em constante hesitação (e sinto que Thássio não hesitaria em grafar hesitância). Ele bem compreende: “só o poema / sabe, mas não / me diz”.

Guilherme Gontijo Flores

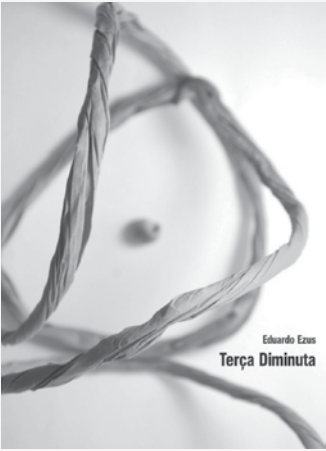
Itinerários (Ed. UFPR) pode ser adquirido com o autor (R\$35, com frete — thassioescritor@gmail.com) ou baixado em PDF gratuitamente no site da editora (www.editora.ufpr.br/produto/327/itinerarios)

Pulso
Quando você está cansada não lhe ocorre
como se chama o veneno que você bebeu ao invés da própria vida
e se a palavra veneno devia aparecer mais uma vez em um poema
como é beber o Rio do
Esquecimento e se o sibilo no seu lábio
vem de querer escrever poesia ou do tremer
Quando está cansada você segue o caminho que quer
segue para dentro da mata espessa onde raposas estão sentadas prontas
para cuspir as iscas da raiva prontas
para se afastar majestosamente ou
com rostos velados pela espuma
acossar você esperar por você até
quando você se cansar
raqúiticas e famintas com seus
olhos de raio-x à noite
Quando você está cansada não importa se lhe convidam
para comer no meio delas o frango ou se
atacam trituram seus ossos fazem a ceia
Quando você está cansada você para de lamber o sal dos
polegares e lágrimas estão tão distantes como
rios de verdade em um poema sobre rios que também não se molha
Quando você está cansada você não pergunta a sério
por que um poema sobre rosas não tem perfume
por que ele não entranha espinhos nos seus dedos
por que não uma manhã desbotada de dedos ou
nobreza inglesa amarelada ou cor de sangue tinto
de Kissinger não respingam do poema
Quando você está cansada você imagina
que a poesia poderia muito bem existir sem você
com ou sem um poema seu
ou ter perdido a razão
Quando você está cansada não sabe mais mesmo
se ela ou você ou o próprio mundo com ou
sem um poema seu existe
mesmo que você adormeça
mesmo quando você se for

o presidente é um
assistente de ligação.
casado consigo mesmo, fica óbvio
ele é querido deus. um seria, um será, um foi
sou sempre eu. um letargo, um não se mexe
um livro ilustrado, motim, gravata
embuste chanfrado, atômico, um botão
um cotoco de fezes arremessado pro alto, uma cabeça
um carnicheiro, sonho na fossa
o reverso de servo do senhor, animal sem instância
peixe sem rede, um calafrio é
brutalmente gelido, abrasivo, visto à luz
ele finge não ter qualquer significância, diz
pessoa não há, a quem ele sirva

Puls
Wenn du müde bist fällt dir nicht ein
wie das Gift heißt das du statt deines Lebens getrunken hast
und ob das Wort Gift noch einmal in einem Gedicht
genannt werden darf wie es ist den Fluss des
Vergessens zu trinken und ob das Zirpen an deiner Lippe
vom Wunsch zu dichten kommt oder vom Zittern
Wenn du müde bist gehst du den Weg den du gehen willst
hinein in das Dicklicht in dem Füchse sitzen bereit
die Köder der Tollwut auszuspeien bereit
auf und davon zu stolzieren oder
mit schaumumflorten Gesichtern
wenn du müde bist es auf dich
abgesehen zu haben auf dich zu warten
ausgemergelt und hungrig mit ihren
Röntgenaugen bei Nacht
Wenn du müde bist ist es gleich ob sie dich einladen
das Huhn in ihrer Mitte zu fressen oder ob sie dich
anfallen deine Knochen zerknacken das Mahl halten
Wenn du müde bist leckst du nicht mehr das Salz von deinen
Daumenballen und Tränen sind so weit fort wie wirkliche
Flüsse in einem Gedicht über Flüsse das auch nicht nass wird
Wenn du müde bist fragst du dich allen Ernstes
warum ein Gedicht über Rosen nicht duftet
warum es dir nicht Dornen in die Finger krallt
warum nicht falber fingriger Morgen oder
gelber englischer Adel oder dunkelblutige
Kissinger Farbe aus dem Gedicht tropfen
Wenn du müde bist bildest du dir ein
die Poesie könne getrost auch ohne dich
mit oder ohne ein Gedicht von dir
oder nicht ganz bei Trost sein
Wenn du müde bist weißt du überhaupt nicht mehr
ob sie oder du oder die Welt selbst mit oder
ohne ein Gedicht von dir ist
selbst wenn du einschläfst
selbst wenn du fort bist

der präsident ist ein
verbindungsassistent.
vermählt mit sich, wird deutlich
ist er lieber gott. ein würde, werde, war
bin immer ich. ein schläfer, ein beweg dich nicht
ein bilderbuch, krawall, krawatte
schräg gebürstet, atomar, ein knopf
ein hochgeworfenes stück kot, ein kopf
ein schlächter, traum im schacht
verdrehter knecht des herrn, tier ohne not
fisch ohne netz, ein schüttelfrost ist
brüllend eisig, heiß, bei licht besehn
tut er bedeutungslos, sagt
wem er dient, den gibt es nicht



Eduardo Ezus, editor da revista Tamarina Literária, lança **Terça Diminuta**, livro contendo 44 haikais.

Com uma linguagem leve, “forte poder de síntese e sugestão imagética”, segundo a escritora e pesquisadora Cellina Muniz, que assina a orelha do livro, Eduardo passeia com seus versos pelas diferentes maneiras com que o poema japonês ganhou forma no ocidente.

“Entre o específico e o inespecífico de sua expressão, sua lírica tem a cara da sensibilidade contemporânea”, comenta, no prefácio Música de Leveza, o poeta João Batista de Moraes Neto, professor e pesquisador de Literatura e Estudos Culturais do IFRN.

O livro traz ilustrações e fotografias da multiartista Mariana Gandarela e pode ser adquirido pelo site www.saraudasletras.com.br / ou diretamente pelo Whatsapp **(84) 9 86028344**.

★

A folha cai

Quem pensa não sabe

O tremor

★

Nu mar

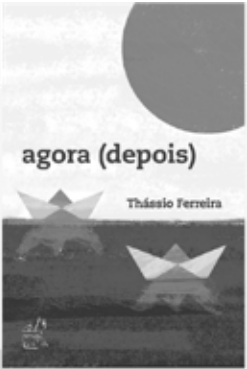
O corpo fala tudo

agora (depois) (Autografia) pode ser adquirido com o autor (R\$35, com frete — thassioescritor@gmail.com)

Cantar o amor é uma predestinação dos poetas. Quando o amor acaba, o poeta corre o risco de cantar ainda mais – e melhor. No seu 3o livro — *agora (depois)* — Thássio Ferreira faz mais do que poetizar dores de uma relação amorosa. Expõe de forma corajosa o vazio desse não-lugar que ocupamos quando não mais pertencemos a outrem (e nem quiçá a nós mesmos).

Christovam de Chevalier

Thássio Ferreira é poeta e ficcionista, ganhador do Prêmio Manaus 2020, OffFlip 2019 e colunista mensal na revista www.viciovelho.com



Baudelaire

Jean-Paul Sartre

Trecho traduzido por Mikael Abrão-Bombassaro

“Não teve a vida que merecia”. Com esta máxima consoladora, a vida de Baudelaire parece uma magnífica ilustração. Não merecia, é certo, aquela mãe, aquela familiaridade perpétua, aquela gorjeta do parentesco, aquela bem-quista avara, não merecia aquela sífilis; e há algo mais injusto que o seu fim prematuro? Porém, da reflexão surge uma dúvida, se se considerar o próprio homem, com suas falhas, e, em aparência, vasto de contradições: aquele homem perverso adotou de uma vez por todas a moral mais vulgar, mais rigorosa; aquele homem sofisticado frequenta as prostitutas mais miseráveis, o gosto pela miséria o conecta ao corpo delgado de Louchette, e seu amor pela “judia horrorosa” é como uma prefiguração do que mais tarde se inspirará Jeanne Duval; aquele homem solitário tem um medo terrível da solidão, nunca sai sem companhia, deseja uma casa e uma vida familiar; aquele defensor dos esforços é um abúlico incapaz de se submeter aos trabalhos regulares; planejou viagens, reivindicou seu exílio, sonhou com países desconhecidos, mas vacilava por seis meses antes de ir a Honfleur e a única viagem que fez foi um grande suplício. Ostentava desprezo e ódio pelos personagens encarregados de sua tutela: porém, jamais tratou de livrar-se deles e nem perdeu as ocasiões de suportar as proclamações paternas. É este homem tão diferente da existência que levou? E se merecesse a sua vida? E se, ao contrário das ideias recebidas, o destino de sua vida foi apenas merecido? É preciso observar isto mais de perto.

Quando morreu seu pai, Baudelaire tinha seis anos, vivia adorando a sua mãe; fascinado, envolto de cuidados e considerações, ignorando sua própria existência como pessoa, sentia-se unido ao corpo e ao coração de sua mãe por uma espécie de participação primitiva

e mística; se perdia na moleza tibia do amor recíproco; aquilo era um lar, uma família, uma parceria incestuosa. “Eu estava sempre vivo em ti — escreverá mais tarde — tu eras unicamente minha. Eras um ídolo e um camarada, ao mesmo tempo.”

Não poderia se expressar melhor o caráter sagrado desta união: a mãe é um ídolo, o filho está devotado ao afeto que ela lhe reserva; longe de se sentir em uma existência errante, vaga e supérflua, sente-se como um filho de direito divino. Está sempre vivo nela: isso significa que o abrigo se colocou como santuário; não é, não quer ser apenas uma emanção divina, um pensamento constante de sua alma. E precisamente porque se absorve inteiro em um ser que parece existir por necessidade e por direito, está protegido contra toda inquietude, se funde com o absoluto, está *justificado*.

Em novembro de 1828 aquela mulher volta a se casar e interna Baudelaire em um colégio. É desta época a sua famosa “rachadura”. Crépet cita, a respeito disso, uma nota significativa de Buisson: “Baudelaire era uma alma muito delicada, fina, original e terna, que se rachou no primeiro impacto da vida”. Houve em sua existência um acontecimento que não pôde suportar: o segundo casamento de sua mãe. Este tema era inesgotável e sua terrível lógica o tratava sempre assim: “quando se tem um filho como eu, não se volta a casar”.

Essa ruptura brusca (e a pena conseguinte) lançou, sem transição, a existência pessoal. Pouco antes estava penetrado pela vida unânime e religiosa da parceria que formava com a sua mãe. Essa vida se retira com a maré, deixando-o sozinho e seco; havia perdido suas justificativas, descobre com vergonha que é UM, que recebeu a existência para nada.

A fúria de se ver abandonado se mistura com um sentimento de profunda decadência. Escreverá em

Mon cœur mis à nu pensando nesta época: “sentimento de solidão desde a infância. Apesar da família — e no meio dos meus camaradas, sobretudo —, sentimento de destino inteiramente solitário”. Já pensa este isolamento como *um destino*. Isto significa que não se limita a suportá-lo passivamente, concebendo o desejo de que seja temporário: ao contrário, se precipita nele com raiva, e nele se encerra e, já que foi condenado, ao menos quer que a condenação seja definitiva. Chegamos à eleição original que Baudelaire fez de si mesmo, a esse compromisso absoluto pelo qual cada um de nós decide o que será e o que é em uma situação particular. Abandonado, rechaçado, Baudelaire quis tomar para si este isolamento. Reivindicou-se de sua solidão para que menos viesse de si mesmo, para não ter de suportá-la. Experimentou que era outro pelo brusco descobrimento de sua existência individual, mas ao mesmo tempo afirmou e tomou ao seu cargo esta alternância, com humilhação, rancor e orgulho. Desde então, com violência desolada, fez-se outro: outro distinto de sua mãe, com quem apenas era UM e que o havia rechaçado, outro distinto de seus camaradas despreocupados e grosseiros; se sente e quer se sentir único até o ápice de um gozo solitário, único até o terror.

Mas esta experiência do abandono e da separação não tem como contrapartida positiva o descobrimento de alguma virtude particular, capaz de, em seguida, colocá-lo em situações especiais. Ao menos o melro branco, vilipendiado por todos os melros negros, pode consolar-se contemplando com o canto do olho a brancura de suas asas. Os homens nunca são melros brancos. O que habita nesse menino abandonado é um sentimento de uma alteridade totalmente formal: esta experiência sequer poderia diferenciá-lo dos demais. Cada um pôde observar em sua infância a aparição casual e

desconcertante da consciência de si. Gide a percebeu em *Si le grain ne meurt*, depois dele, a senhora Marie Le Hardouin em *La voile noire*. Mas ninguém o fez melhor que Hughes em *Um cyclone à la Jamaïque*: [Emily] tinha brincado de fazer uma casa em um canto, na frente do navio... cansada da brincadeira, caminhava sem rumo até a parte posterior, quando de repente lhe ocorreu o pensamento de que *ela era ela*... Plenamente convencida do fato assustador de que *agora* ela era Emily Bas-Thorton... pôs-se a examinar com seriedade o que este fato implicava... Que vontade havia decidido que dentre todos os seres do mundo ela seria este ser particular, Emily, nascida em tal ano dentre todos que compõem o tempo...? Ela havia sido eleita? Havia elegido Deus? Mas talvez ela fosse Deus... Estava em sua família, com certo número de irmãos e irmãs dos quais desde então nunca havia dissociado por completo; mas agora, de maneira muito repentina, havia tomado o sentimento de que era uma pessoa diferente, pareciam-lhe tão estranhos como o mesmo barco... Foi invadida por um súbito terror: o que sabiam eles? Sabiam — isto é o que queria dizer — que era um ser particular, Emily — talvez Deus mesmo — (não qualquer menininha)? Sem que soubesse dizer por quê, esta ideia lhe aterrorizava... A todo custo aquilo devia permanecer em segredo...

Esta intuição fulgurante é perfeitamente vazia: o menino acaba de adquirir a convicção de que não é qualquer, ou se converte precisamente em qualquer ao adquirir esta convicção. É distinto dos demais, com certeza, mas cada um dos outros é também distinto. Teve a experiência puramente negativa da separação, e a sua experiência se referiu à forma universal da subjetividade, forma estéril em que Hegel definiu com a igualdade Eu = Eu. O que fazer com um descobrimento que assusta e não

compensa? A maioria se apressaria em esquecê-lo. Mas o menino que encontrou a si mesmo no desespero será centrado pelo furor e pelo ciúme por toda a sua vida, na meditação de seu estado de singularidade formal. “Vocês me deixaram!— dirá para seus pais — vocês me jogaram fora desse *todo perfeito* em que eu me perdia, vocês me condenaram a existência separada. Pois bem! Agora reivindico esta existência contra vocês. Mas depois, quando quiserem me absorver e atrair, já não será possível, pois terei adquirido consciência de mim em oposição e contra todos...”. Dirá aos camaradas do colégio, dirá aos que lhe perseguem, dirá aos malandros da rua: “Sou distinto! distinto de vocês todos que me fazem padecer. Podem me perseguir a carne, mas não a alteridade...”. Nessa afirmação há reivindicação e desafio. Distinto: fora de alcance porque é distinto, quase vingado. Se prefere porque o todo o abandonou. Mas esta preferência, um ato defensivo antes de tudo, é também, por um certo aspecto, uma ascese, porque coloca o menino em presença da pura consciência de si mesmo. Eleição heroica e vindicativa do abstrato, desprendimento desesperado, renúncia e afirmação: o orgulho. O orgulho estoico, o orgulho metafísico que não alimenta nem as distinções sociais, nem o êxito, nem alguma superioridade reconhecida, enfim, nada deste mundo, mas que se apresenta como um acontecimento absoluto, uma eleição sem motivo a *priori*, e se situa muito acima do terreno onde os fracassos poderiam abater e os êxitos sustentar.

Este orgulho é tão desventurado quanto puro, pois gira no vazio e se nutre de si mesmo: sempre insatisfeito, sempre exasperado, se esgota no ato em que se afirma; não repousa em nada, está no ar, pois a diferença em se funda é uma forma vazia e universal. Porém, o menino quer gozar de sua diferença; quer sentir-se diferente de seu irmão, assim como seu irmão se sente diferente de seu pai: sonha com uma singularidade perceptível à vista, ao tato, e que preencha como um som puro preenche o ouvido. Sua pura diferença formal lhe parece símbolo de uma singularidade mais profunda, que constituiu uma unidade com o

que ele é. Se inclina sobre si mesmo, tenta surpreender sua imagem nesse rio cinzento e tranquilo que flui a uma velocidade sempre igual, espia seus desejos e suas cóleras para surpreender esse fundo secreto que é a sua natureza. E por essa atenção que aplica sem descanso ao fluir de seus humores, começa a se converter, para nós, em Charles Baudelaire.

A atitude original de Baudelaire é a atitude de um homem inclinado. Inclinado sobre si, como Narciso. Não há nele consciência imediata que um olhar penetrante não transpasse. Para nós, basta ver uma árvore ou uma casa; totalmente absorvidos em contemplação, nos esquecemos de nós mesmos. Baudelaire é o homem que jamais se esquece. Se pretende ver, pretende para *ver-se*; contempla a sua consciência da árvore, da casa, e as coisas aparecem somente através dela, mais pálidas, menores, menos comoventes, como se as visse através de uma lente. Não se mostram como a flecha aponta o caminho, como o indicador marca a página, e o espírito de Baudelaire nunca se perde nesse labirinto. Sua missão imediata, ao contrário, é a de remeter a consciência para si mesma. “De que importa — escreve — o que pode ser a realidade situada fora de mim, se me ajudou a viver, a sentir que sou o que sou!” e em sua arte, a sua preocupação será mostrá-las através da consciência humana, como dirá em *Lârt philosophique*: “O que é a pura arte para a consciência moderna? É criar uma magia sugestiva que contenha ao mesmo tempo o objeto e o sujeito, o mundo exterior ao artista e o próprio artista”. Com sorte, poderia muito bem firmar um *Discurso sobre a pouca realidade* do mundo exterior... Pretextos, reflexos, telas, os objetos jamais valem por si mesmo e não tem outra missão além de dar a oportunidade de contemplar-se enquanto os vê.

Há uma distância original entre Baudelaire e o mundo que não é a nossa; entre ele e os objetos se insere sempre uma translucidez um pouco úmida, talvez demasiado adoradora, como o movimento do ar cálido do verão. E esta consciência observada, espiada, que se sente observada enquanto realiza suas operações habituais, perde, ao mesmo tempo, sua

naturalidade, como um menino que brinca sob o olhar dos adultos. Essa “naturalidade” que Baudelaire tanto odiou e tanto perdeu não existe no absoluto: tudo é falso porque tudo está vigiado; o mais diminuto humor e o mais débil desejo nascem observados, decifrados. E recordando um pouco o sentido que Hegel dava para a palavra “imediato”, se compreenderá que a singularidade profunda de Baudelaire consiste no fato de ser um homem sem imediatez.

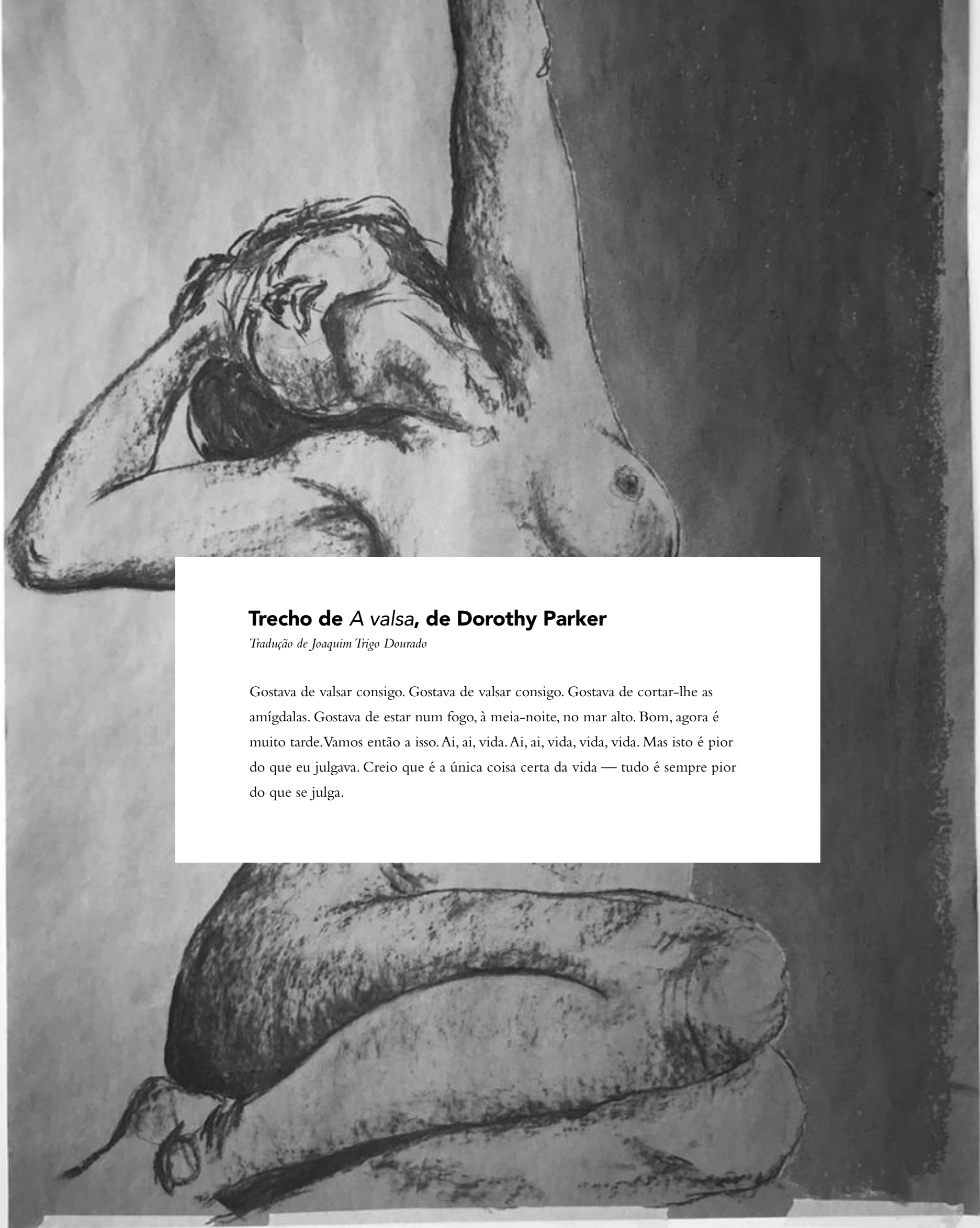
Mas se esta singularidade vale *para nós*, que o vemos de fora, para ele, que se vê de dentro, escapa por completo. Buscava sua natureza, quer dizer, seu caráter e seu ser, mas só assiste o longo desfile monótono de seus estados. Isto lhe exaspera: vê tão bem o que constitui a singularidade do general Aupick ou de sua mãe, como não tem a alegria íntima de sua própria originalidade? Porque é vítima de uma ilusão muito natural, segundo a qual o interior de um homem se traçaria sobre o seu exterior. E não é assim: essa qualidade distintiva que destaca para os demais não tem nome em sua linguagem interior, ele não a experimenta, não a conhece. Pode se sentir espiritual, vulgar ou distinto? Pode sequer verificar a vivacidade e o alcance de sua inteligência? Esta não tem outros limites além de si mesma, e a menos que uma droga precipite por um momento o curso de seus pensamentos, está tão acostumado com o seu ritmo, carece, em termos de comparação, até o ponto que não poderia apreciar a velocidade de seu transcurso. Quanto ao detalhe de suas ideias e de seus afetos, pressentidos, reconhecidos antes de aparecerem, transparentes, tem para ele a aparência do “já visto”, do “demasiadamente conhecido”, uma familiaridade inodora, um sabor de reminiscência. Está cheio de si mesmo, transborda, mas esse “si mesmo” é apenas um humor brando e vítreo, privado de consistência, de resistência, que não pode julgar e nem observar, sem sombras e sem luzes, uma consciência falante que fala para si mesma em longos cochichos sem que jamais seja possível acelerar o relato. Está muito aderido em si mesmo para conduzir-se e pouco para ver-se; demasiadamente, se vê para se afogar do todo e se perder em uma adesão

muda para a sua própria vida.

Aqui começa o drama baudelaireano: imaginemos o melro branco cego — pois a claridade reflexiva muito grande equivale à cegueira. Tem obsessão pela ideia de certa brancura estendida por suas asas, que todos os melros olham, que todos os melros falam, e que ele é o único a ignorar. A famosa lucidez de Baudelaire é apenas um esforço de recuperação. Se trata de cobrar-se e — como a vista é apropriação — de ver-se. Mas, para se ver, teria de ser dois. Baudelaire vê suas mãos e vê seus braços porque o olho é diferente da mão; mas o olho não pode ver a si mesmo: se sente, se vive; não pode tomar a distância necessária para se apreciar. Em vão, exclama em *As Flores do Mal*:

*Num escuro-claro, cara a cara,
um coração que a si se espelha!*

Este tête-à-tête mal esboçado se desvanece: permanece apenas uma cabeça. O esforço de Baudelaire consistirá em levar ao extremo este esquete abortado de dualidade que é a consciência reflexiva. Se é lúcido, originariamente, não o é para se dar conta de suas faltas, mas para ser dois. E se quer ser dois é para realizar nessa parceria a possessão final do EU pelo EU. Exasperará, pois, sua lucidez: era somente a sua própria testemunha, tentará se converter em seu próprio carrasco: o Heautontimoroumenos. Pois a tortura engendra uma parceria muito unida na qual o carrasco toma posse da vítima. Por não conseguir se ver, se remexerá como a faca se remexe na ferida: com a esperança de alcançar essas “solidões profundas” que constituem a sua verdadeira natureza.



Trecho de *A valsa*, de Dorothy Parker

Tradução de Joaquim Trigo Dourado

Gostava de valsar consigo. Gostava de valsar consigo. Gostava de cortar-lhe as amígdalas. Gostava de estar num fogo, à meia-noite, no mar alto. Bom, agora é muito tarde. Vamos então a isso. Ai, ai, vida. Ai, ai, vida, vida, vida. Mas isto é pior do que eu julgava. Creio que é a única coisa certa da vida — tudo é sempre pior do que se julga.